

Ampliando  
Horizontes:

CONTOS

Poesia e Ficção

ANO 4

Carlos Machado

Marcio Renato dos Santos

Victor Augustus Graciotto Silva

organizadores

aper  
tar o  
AR



Ampliando  
Horizontes:

CONTOS

Poesia e Ficção

ANO 4

Carlos Machado  
Marcio Renato dos Santos  
Victor Augustus Graciotto Silva  
organizadores

aper  
tar o  
AR





Realização:



Máquina de Escrever  
editora | produção cultural

a Fábulas 

Incentivo:



**Kirsten**  
pianos elétricos



**SOFTMARKETING**  
SOLUÇÕES EM COMUNICAÇÃO



Prefeitura de  
**CURITIBA**

Projeto realizado com recursos do programa de apoio, fomento e incentivo à cultura de Curitiba – Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

*Coordenação Pedagógica*

Marcio Renato dos Santos

*Coordenação do Projeto e edição*

Victor Augustus Graciotto Silva

*Produção*

Juliana Cristina Reinhardt

*Realização*

Máquina de Escrever Editora | Produção Cultural

*Ministrante da oficina*

Carlos Machado

*Capa*

Simon Taylor

*Diagramação*

Rafael Kloss

*Revisão*

Cida Grecco

Elys Faria Bittencourt

*Fotografia*

Clara Reinhardt Silva

#### **Dados internacionais de catalogação na publicação**

**A526**

Ampliando Horizontes: poesia e ficção, contos, ano 4 / organizado por Carlos Machado; Márcio Renato dos Santos; Victor Augustus Graciotto Silva; ilustração da capa por Simon Taylor.

\_\_\_ Curitiba: Máquina de Escrever, 2025

84 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-94-0

Em sua quarta edição, este projeto que oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção.

1. Contos Brasileiros – Paraná. 2. Ficção Brasileira – Paraná.

I. Machado, Carlos. II. Santos, Márcio Renato dos.

III. Silva, Victor Augustus Graciotto. IV. Taylor, Simon.

CDD: 869.9362

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



**Máquina de Escrever**

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil

Fone: (41) 98406-1935

contato@editoramaquinadeescrever.com.br

editoramaquinadeescrever.com.br



Carlos Machado  
Marcio Renato dos Santos  
Victor Augustus Graciotto Silva  
organizadores

# apertar o *AR*

CONTOS

1ª edição

Curitiba, 2025



# SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> .....	9
<i>Préfacio - Carlos Machado</i> .....	13
<b>Glacial</b>	
<i>David Ehrlich</i> .....	17
<b>Paliativos</b>	
<i>Engelberto Pinheiro</i> .....	20
<b>A morte é que conta</b>	
<i>Fernanda Silveira</i> .....	23
<b>Conto da Noite: o que o Dia deixou</b>	
<i>Francismar Lemes</i> .....	28
<b>Corpo ferramenta</b>	
<i>Gregory L. R. Rossi</i> .....	31
<b>Exumação</b>	
<i>Jaciara Carneiro</i> .....	34
<b>Espelhos</b>	
<i>Jefferson Dantas</i> .....	38
<b>Brinquedinho</b>	
<i>Leonardo Meneghini</i> .....	41

<b>Não era nada, mas era tudo</b>	
<i>Luan Azevedo</i> .....	43
<b>O menino roxo</b>	
<i>Manu Marquetti</i> .....	48
<b>Arfar</b>	
<i>Maria Luiza Menegazzo</i> .....	52
<b>Casa Cheia</b>	
<i>Renata Neves</i> .....	55
<b>STELLA</b>	
<i>Rosemari Farago</i> .....	58
<b>Papo reto com minha próstata</b>	
<i>Rubens Gomes Corrêa</i> .....	62
<b>Testemunhas oculares</b>	
<i>Selma Mottin</i> .....	65
<b>Outros ares</b>	
<i>Sonia Bittencourt Rodrigues Nunes Wolff</i> .....	68
<b>Posfácio - Fabiano Vianna</b> .....	73



# APRESENTAÇÃO

## **TANTAS MÃOS PARA UMA OBRA EM PROGRESSO**

Marcio Renato dos Santos e Victor Augustus Graciotto Silva

“No país em que a ignorância e a falta de recursos para os escritores e ilustradores impera, Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção é um diferencial para artistas na viabilização do sonho de publicar”.

A frase, deste primeiro parágrafo, é de Alice Medeiros, agente de leitura do Memorial Árabe, espaço cultural da prefeitura de Curitiba, localizado no centro da cidade.

Alice enunciou a sentença imediatamente após o encerramento das duas oficinas de poesia do projeto Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção – Ano 4, com atividades realizadas aos sábados, entre março e maio deste ano, no Memorial Árabe.

E o que Alice diz, em alguma medida, define o projeto: Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção, desde a primeira edição, em 2022, oferece, gratuitamente, a experiência completa para quem deseja escrever poesia e ficção: da ideia inicial à escrita, incluindo a interlocução e a mentoria com experientes poetas e prosadores, até o lançamento da obra impressa com os conteúdos desenvolvidos nas oficinas.

E já que estávamos falando do Memorial Árabe, neste ano Juarez Polleto esteve à frente das duas oficinas de poesia do projeto no citado espaço, cada uma com 4 encontros, cada aula com duração de 4 horas.

A respeito dele, Alice fez o seguinte comentário: “Ao professor Juarez Polleto, o meu respeito e admiração: a literatura e a poesia são a sua derme, sua pulsão de vida”.

De fato, Juarez vibra ao falar e destrinchar assuntos, poemas e questões ligadas à literatura e poesia.

Ele quase levitou ao comentar o Romantismo e suas nuances, e também ao declamar e analisar poemas, entre tantas vozes, de Manuel Bandeira, de Alice Ruiz e de Paulo Leminski.

Contagante, a eletricidade do ânimo de Juarez se espalhou pelo Memorial Árabe estimulando os participantes dos dois cursos, tal qual “De vir”, um poema dele:

“A expectativa devora,/revela o medo e encanta./Se já fui, não me apavora,/o que serei me espanta.”

Tão bem demais como as oficinas de Juarez foi o curso de jornalismo ministrado por José Carlos Fernandes.

Nesses tão polarizados anos do século 21, realizamos uma oficina de jornalismo, com moderação, escuta e foco em crônica e perfil.

Pesquisador e professor na UFPR, José Carlos Fernandes, o Zeca, apresentou na Biblioteca Darcy Ribeiro, outro espaço da prefeitura no centro de Curitiba, para privilegiados, aquela performance que só ele é capaz de executar.

Aulas-show?

Mais que isso.

Repertório e compartilhamento de experiência de quem atuou em uma redação de jornal impresso por décadas.

Ele relatou alegrias e bolas divididas, ofertando pensatas de quem abriu caminho como repórter, editor e muito mais: Zeca é autor de 600

inovadoras crônicas publicadas há alguns anos na imprensa brasileira, em um diário que impactava a vida paranaense.

Curitibano do Água Verde, como ele às vezes se apresenta, José Carlos Fernandes prova, com a sua existência, que Curitiba é bacana e gerou um dos mais brilhantes jornalistas e professores desses tempos líquidos: ele, que torna e transforma tudo, como canta Caetano, em odara – alegria luminosa.

Involuntariamente rimando com alegria, vale mencionar a mentoria, que em nosso projeto não é apenas essa palavra tão repetida no zeitgeist, mas prática: Juarez, na poesia, Zeca, no jornalismo e Carlos Machado, que ministrou a oficina de contos em 2025. Todos eles colocaram em ação o acompanhamento sensível, orientando e ampliando horizontes de quem participou dos cursos de Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção – Ano 4.

No Farol das Cidades, no bairro Abranches, outro espaço da prefeitura de Curitiba, Carlos Machado conduziu uma turma com didática inovadora, e também por meio da participação de Luiz Felipe Leprevost, Jonatan Silva e Fabiano Vianna, escritores curitibanos que fizeram intervenções mais do que especiais em alguns dos encontros.

O jornalista e escritor Luan Azevedo participou do curso e aprovou a presença de vozes literárias contemporâneas na oficina:

“Foi bem legal e diversificado”.

O método de Carlos Machado, enfim, também recebeu os aplausos da turma, materializados por meio das palavras de Luan:

“É um excelente escritor e um professor genial”.

A mentoria, uma realidade em nossas oficinas, pode ser exemplificada pela ação de Carlos Machado: ele apresentou teoria e contos, criou dinâmicas, viabilizou leituras dos textos produzidos pelos participantes e sugeriu reconstruções, sempre com a premissa de que

a recomendação pode, ou não, vir a ser aplicada, no caso da oficina em questão, nos contos elaborados pela turma.

Além disso, também há oficinas de Haicai ministrada por Alvaro Posselt e de desenho por Fabiano Vianna, e mostram que literatura é para todas as idades.

E a produção desenvolvida nas oficinas de Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção, antes de chegar nas páginas dos livros impressos que publicamos, como este, que agora você lê, passa, também, pelo olhar e pela supervisão do conselho editorial, formado, nesta edição, por Fabiano Vianna, Fabio Santiago e Rita Cassitas.

Tudo isso só tem sido possível por causa de tantas mãos que seguem, amorosamente, conosco e vamos citar e agradecer: Marianne Torres e Patrícia Wohlke, da Fundação Cultural de Curitiba; empresas que apoiaram e nos apoiam por meio dessa possibilidade de tornar sonho realidade via FCC; Flavia Gasparin, gerente de Bibliotecas e Faróis do Saber da Secretaria da Educação de Curitiba; Prefeitura de Curitiba, por meio do prefeito Eduardo Pimentel e Marino Galvão Júnior, presidente da FCC; Alice Medeiros, agente de leitura no Memorial Árabe; Daniele Lucy Guerra Paulo, agente de leitura no Farol das Cidades, e Tania Maria Severino, bibliotecária no Farol das Cidades; Gesiane do Rocio Fontoura, agente de leitura na Biblioteca Darcy Ribeiro; nossos amigos e colaboradores Simon Taylor, Mario Busato, Rafael Kloss, Cida Grecco, Elys Faria Bittencourt, Clara Reinhardt Silva, Juliana Cristina Reinhardt; e, ainda, todos que participaram de nossas atividades e os nossos ancestrais.

Viva!

# PRÉFACIO

## **APERTAR O AR**

Carlos Machado

O gesto parece impossível: como reter o intangível, capturar o que escapa entre os dedos, conter o que não tem forma? E, no entanto, é exatamente esse o ofício da escrita — sobretudo do conto, gênero que, por excelência, exige precisão, contenção, ritmo. O conto é a arte de sugerir mais do que mostrar, de nomear o silêncio e fazer da ausência uma presença. É o ato de apertar o ar com palavras.

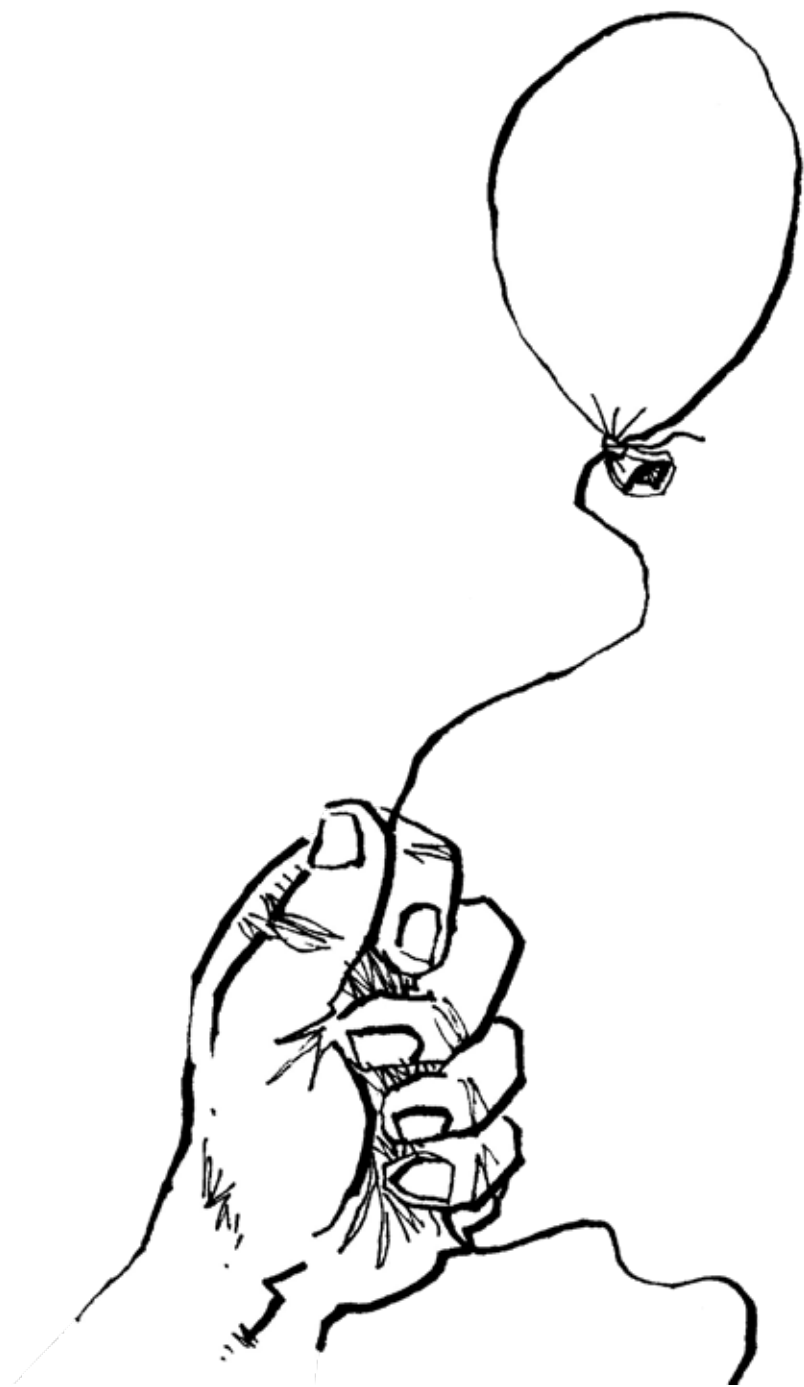
Durante os oito encontros desta oficina, um grupo de escritores se lançou ao desafio de narrar o indizível. Vieram com estilos distintos — elegância clássica, fantasia, terror, análise psicológica, escrita veloz, Neossimbolismo, Pós-modernismo — e, juntos, criaram um espaço comum de escuta, leitura e partilha. O conto foi nosso ponto de partida, mas logo percebemos que falar sobre o conto era também falar sobre a literatura brasileira, o mercado editorial, as escolhas formais e estéticas de quem escreve hoje. Entre teoria e prática, entre cafés e debates, entre a dúvida e o risco, a escrita foi se afilando.

Partimos da ideia fundamental de que a voz do escritor nasce do outro — da escuta, da leitura, da observação. Todo escritor é, antes de tudo, um leitor atento: de livros, de gestos, de música e ritmos. A literatura, nos lembramos, é sempre um diálogo com o que veio antes

e com o que pulsa ao redor. E o conto, mesmo em sua brevidade (ou justamente por sua brevidade), carrega a densidade desse mundo: personagens instigantes, tempos dilatados ou suspensos, espaços carregados de sentido. Discutimos estrutura, musicalidade, construção de tensão, escolha da linguagem e o controle sutil do que se revela e do que se cala.

Contamos ainda com a presença generosa de convidados como os escritores Thiago Tizzot, Marcio Renato dos Santos, Luiz Felipe Leprevost, Jonatan Silva e Fabiano Vianna, que ampliaram nossos horizontes com suas experiências e visões múltiplas sobre o fazer literário.

O resultado está neste livro. Cada conto aqui presente é uma tentativa única de apertar o ar: de moldar o invisível, tensionar o que se move no silêncio, dar contorno àquilo que insiste em escapar. Que o leitor, ao virar cada página, sinta o movimento dessas mãos — distintas, mas unidas — tentando capturar, com palavras, o que o mundo tem de mais etéreo.





# GLACIAL

David Ehrlich

Em meio às montanhas, o calor da fogueira no centro da vila sufocava Amrita. Vivendo a vida toda naquela região alta e remota, até estava acostumada ao ar rarefeito; não estava, porém, acostumada a ser viúva. Banhados pela luz do fogo, todos celebravam o fim do verão: em breve as noites ficariam insuportavelmente frias, impossibilitando tais festejos. Portanto agora cantavam, conversavam, riam... Eram felizes. Estavam juntos. E assim que a fogueira apagassem, voltariam para casa com suas esposas, maridos e filhos, sentindo-se aquecidos pelo calor de suas famílias e sua comunidade... Mas não Amrita.

Foi seu primo Gurgon que a notou afastada no escuro, tentando chorar. Aproximou-se, com seu passo lento e delicado de monge. Vivia em um monastério distante, mas duas vezes ao ano retornava à vila, no início e no fim do verão.

— Amrita — chamou-a, baixinho — faz já dois anos que seu marido faleceu. O período de luto obrigatório já acabou. Ainda sente necessidade de chorar sozinha?

— Como não vou chorar? — ela respondeu, sentindo falta de ar conforme falava — Se vejo as anciãs com seus maridos, filhos, netos, e toda a vida que me foi negada?!

— Você ainda é jovem. Tem muitos anos pela frente. Perdeu uma felicidade, mas pode encontrar novas. Dê apenas uma chance. Chegue mais perto da fogueira, e verá que o calor e a companhia secam melhor as lágrimas do que o frio e a solidão.

Amrita, porém, não queria ter suas lágrimas secadas. Não queria ter sua dor amenizada. O que Gurgon ou qualquer outro habitante da vila

entendia sobre sua dor?! Diziam-lhe para seguir em frente, mas como, se nada tinha além de memórias?!

Gurgon, vendo-a naquele estado, tentou novamente reconfortá-la:

— No monastério, dizem que no auge do inverno ficamos tão tristes pelo verão que passou, que nem percebemos que há um novo verão se aproximando...

— Cale-se! — gritou Amrita, puxando os próprios cabelos — Por favor, cale-se!

Dizendo isso, correu para longe. Longe de seu primo, da fogueira, da vila, do calor, da alegria, em direção à escuridão onde pudesse chorar sozinha. Gurgon não a seguiu: como monge, tinha responsabilidades com toda a vila em meio às cerimônias daquela noite. Assim, apenas viu sua prima lentamente desaparecer em meio às sombras.

— Que tristeza, que tristeza... — murmurou, lamentando-se.

Afastando-se cada vez mais, Amrita subiu as montanhas próximas, até onde o ar era tão rarefeito que sufocava mesmo os mais fortes. Mas para a jovem viúva, já sufocada por sua dor, foi ali que finalmente sentou no chão e chorou, sem ninguém a interromper.

Não ter ninguém para fazê-la parar de chorar, porém, significava que agora tudo que Amrita fazia era verter mais e mais lágrimas. Não mais comia, dormia ou sequer se mexia: vivia apenas pela dolorosa constatação de sua perda.

Assim, mesmo quando o inverno chegou, Amrita não tentou descer da montanha, ou sequer se proteger do frio: deixou a neve cair sobre seu corpo, que já mal mostrava sinais de estar vivo — exceto, é claro, pelas lágrimas, que continuava a derramar.

Pouco a pouco, Amrita congelava em meio ao frio glacial no qual se isolara, sua pele cobrindo-se de uma camada cada vez mais grossa de gelo, até não haver mais como se mexer — ou por onde verter seu choro. Pois ela ainda sentia necessidade de chorar; melhor dizendo, era tudo que

lhe restava. E mesmo agora, completamente presa no gelo invernal, suas lágrimas continuavam saindo dos olhos, mas sem terem para onde escorrer.

Assim passaram-se os longos e escuros meses no alto da montanha, até um dia a neve parar de cair, e pouco depois as escuras nuvens de inverno finalmente se afastaram, deixando passar alguns raios de sol, primeiro tímidos, mas cada vez mais quentes.

Lá embaixo, na vila, todos sorriam ao ver as montanhas, ainda brancas, brilhando: conforme o gelo derretia, esse alimentaria os rios da região, que por sua vez irrigariam suas plantações. A vida seguia em frente, o ciclo recomeçava, e tudo parecia bom.

De repente, de uma das montanhas, algo desceu rapidamente em direção à vila, algo grande e poderoso. Alguns até tiveram tempo de gritar, mas nada poderia salvá-los. Pois conforme o fim do inverno descongelava as montanhas, o gelo em volta do que já fora Amrita também derreteu, liberando de uma só vez todas as lágrimas que ela chorara durante a longa estação fria, em uma grande torrente que destruía tudo em seu caminho — inclusive a vila, inocente de qualquer pecado exceto ser feliz.

Algum tempo depois, como todo ano fazia, Gurgon saiu de seu monastério e viajou pela longa trilha que levava até seu antigo lar, para participar das celebrações de início do verão. Ao fazer a última curva, porém, caiu de joelhos no chão, os olhos arregalados: onde sempre esteve a vila em que nasceu, havia agora somente um grande lago, de água salgada como lágrimas. Nenhum sinal de vida, fosse seus pais, irmãos, velhos vizinhos ou amigos... Muito menos Amrita.

— Que tristeza, que tristeza... — murmurou, lamentando-se.

**David Ehrlich** é um curitibano nascido na Alemanha, mas que vive sobretudo no mundo dos livros. Já foi selecionado em mais de 150 concursos literários, e é autor das coletâneas de contos *O Livro do Macabro* (Folheando, 2024) e *Família é Família* (Mondru, 2025).

# PALIATIVOS

Engelberto Pinheiro

*~~Ansiede~~*

*Ansiedade*

*Respiro*

*Ansiedade*

*Respiro ansiedade*

Pessoas. Você entra no ônibus e: mais pessoas. Tenta se espremer pela catraca, olha sobre a muvuca e percebe que seria mais fácil enxergar não fosse aquele cabeludo alto trancando o corredor. Tem muita gente por metro quadrado. Mais atrás você vê um espaço. Um espaço só seu. Tão pequeno quanto o seu apartamento entulhado e que talvez nem caiba você direito. Então você se aperta entre as pessoas, escorregando em corpos que fedem menos porque hoje está frio.

Você chegou lá, só Deus sabe a dificuldade que foi chegar no fundo do coletivo e nem ele entende o seu malabarismo para conseguir se segurar sem cair. Lembre que, quando entrou, tinha alguém logo atrás de você. Essa pessoa, essa mulher, ela ficou para trás, presa em algum lugar entre o cabeludo e o seu espaço. Ela é alguém que você não reconhece. Deveria? Tem algo nos olhos, um cansaço que desbota a face e começa a descolorir o resto do corpo, uma figura em preto e branco no amontoado de informação coletiva. Você sente uma atração complexa, inevitável. Ela te causa um calor, uma queimação que talvez seja gastrite. O inevitável então é quebrado pelo ronco que vem do seu estômago. Está difícil se acostumar a não ter mais café da manhã. Não

que as portas do apetite abram no clima tenso que fez morada na sua casa há alguns meses. Então aquela mulher em preto e branco volta pra sua mente. Você olha pra ela de novo, disfarçadamente. Pensa no futuro que teriam juntos. Como seria isso?

É difícil pensar em um futuro desse jeito. É difícil pensar em um futuro impossível. É difícil pensar. É difícil pensar e ponto. Você tem coisa demais na cabeça e isso te acelera cada vez mais. Lembra de como você fazia horas extras para fugir dos próprios problemas? Noites de sonhos lúcidos que transbordavam a metafísica para fora dos teus olhos. E então você olha para a pessoa em preto e branco. Será que ela imagina um futuro com você? Ela dá um suspiro tão fundo que poderia ser o seu último. Veja bem nos olhos dela. Decifre agora. Porque as mágoas ali começam a deslizar nas bochechas. Então ela arfa em um choro quase invisível. E se dói nela, dói também em ti. Vocês dois são parte de um todo homogêneo. Ela está concentrada em um cantinho de janela que consegue ver entre os braços das pessoas. Inspira. E você inspira junto, tenta ler a mente dela e da boca silente escuta que o sol não esquenta ainda. Espero pelo dia em que essa névoa dissipe e a geadá vire areia nesse deserto da minha vida. Estou verdadeiramente sozinha. À deriva em uma piscina fria, pensando que eventualmente chegará a hora em que decido me afogar. Quero desistir. Há anos não me sinto viva, verdadeiramente viva. Há dias que quero chorar alguma coisa importante. Mas olho essas botas semifuradas, as rugas na cara, sou máquina depenada para reparos. Inspiro, e nem o vento mais me satisfaz. Meu casamento faliu. Não sei onde errei. Ele era meu, eu era dele. E agora não somos mais nossos. Não como direito. Não bebo mais vinho. Não tomo meus remédios. E desisto aos poucos agora.

Ela te devolve o olhar. E o mundo inteiro para nesse instante. Como criança que levou bolada na boca do estômago, o peito aperta, e ela inspira com a boca todo o ar que havia dentro do coletivo. Uma

janela. A mão trêmula dela tateia o vidro com pressa. Abre num só golpe. O ar que entra não faz efeito. Veja ela abocanhar o vento: Mais ar, ela precisa de mais ar.

É difícil olhar tudo isso. É difícil olhar tudo isso e não fazer nada, então você grita. Arranca o universitário dormindo no assento em frente à janela. Ela inspira com a boca de novo, e de novo, e de novo. O ar que entra comprime. Ele não sai de lá. E vai congelando a mulher de dentro pra fora. Ela te olha com olhos vidrados. Esse frio nunca é bom para as crises. A cabeça dela pendendo para os lados, não consegue falar, aponta para a bolsa. Você enfia as mãos ali dentro, como se usar as duas juntas fosse mais rápido. Cartões, aliança, maquiagem... Ela engole um último grão de vento e aperta os punhos contra as pernas. Quer gritar ao mundo para aliviar a pressão atrás dos olhos. Você sabe o que fazer, não sabe? Nessa hora você segura a mão dela e sustenta um olhar de calma paterna. Põe uma mão sobre as costas e a guia para que se sente levemente inclinada para frente. Estica os braços dela sobre o seu e empurra as pessoas com o cotovelo para que abram um pouco de ar, talvez até de espaço. Com a outra mão você finalmente acha o que queria na bolsa. Conduz a bombinha até ela. Põe na boca. Aperta. Inspira. Ansiedade. Vocês inspiram ansiedade. E nesse inspiro vocês dois comungam um com o outro. Parceiros. Vê que ela começa a respirar ainda que com dificuldade, chiando, por pouco está consciente. O ar vaza dos seus pulmões como balão furado que perdeu a fonte de calor. Não te diz nenhuma palavra, mas as íris dos olhos te fazem uma pergunta. Uma calma paliativa vai se assentando. Ela espera uma resposta. E você se lembra de ontem à noite, o jantar posto à mesa, os pratos intocados como seus corpos que, há muito, já não se amavam.

E ela murcha.

**Engelberto Pinheiro** é de Curitiba, professor, residente em Araucária, simbolista de alma e às vezes até escritor.

# A MORTE É QUE CONTA

Fernanda Silveira

— *Sou um homem morto.*

Ele já quis começar seu relato assim, para poupar as pessoas de qualquer surpresa. Ele me disse, aqui do alto do seu caixão, que está com dificuldade de contar por que se encontra nesse estado, pois não acha as palavras na mente. Bem, se ajudar, pode-se dizer que ele é um homem relativamente jovem, morto, deitado em seu caixão de madeira não muito boa. O que você está dizendo? Ah, entendi. Bem, ele está aqui me pedindo para contar a história toda. Não que eu saiba tudo sobre ele, nem tenho interesse, de fato, pois meu trabalho já está feito, mas, do pouco que precisei saber para isso, o Gumercindo nunca foi alguém que se interessasse por sonhos, realizações, prestígio. Não, nada disso. O Gume, como vou chamá-lo a partir de agora, era um homem do preto no branco, como as pessoas vivas costumam dizer. Logo cedo, achou que era coisa de idiotas refletir muito, filosofar. Ele não seria um tolo de perder tempo divagando devagar na vida. Correu atrás de arrumar um emprego ainda adolescente, mal saído da infância, porque a vida já não era fácil ali. Deixou a escola quando completou o Ensino Fundamental e foi aprender o ofício menos exigente intelectualmente que ele achou que poderia executar.

O Gume também não era de ajudar necessitados, e nesse grupo se incluía a própria família. Cumpria com sua parte no pagamento das contas da casa e guardava o restante. Nada lhe sobrava, nem mesmo as palavras. Não era de jogar conversa fora com os colegas, aos quais cumprimentava com sua pouca educação, e nada mais. O Gume chegava antes da hora e saía um pouco depois.

Não tinha prazer em absolutamente nenhuma atividade. Aos fins de semana, arrumava bicos.

Adulto, o Gume achou melhor terminar o Ensino Médio para conseguir um trabalho que lhe pagasse um pouco mais, mas que igualmente exigisse dele pouca elaboração mental ou responsabilidade. Em um ano, dedicou-se ao supletivo e terminou honradamente aquela etapa da educação básica. Tão logo pegou seu diploma, comprou o único terno que teve na vida, com o qual está deitado no caixão neste momento, e foi atrás de emprego em escritório, onde pudesse ter o conforto de um ar-condicionado. Não foi tão rápido, mas ao fim de um intervalo, estava empregado numa firma.

Ele disse que aprendeu o serviço logo, porque era bem fácil. Enquanto os outros procrastinavam na hora do almoço e criavam doenças e obstáculos diversos para não trabalhar, o Gume não faltou ou chegou atrasado nenhum dia sequer, em dias de sol quente ou chuva de enchente. Mantinha ainda seus bicos de fim de semana e o salário, todo em espécie, guardado num rasgo do colchão. Como os pais lhe exigiam muito, vendo que o filho tinha conseguido ascender no mundo do trabalho ainda jovem, o Gume resolveu que seria mais proveitoso morar num lugar longe da grande família. E, por longe, ele entendeu em outro estado. Na cabeça dele, se permanecesse na mesma região que os pais e os irmãos, eles dariam um jeito de lhe exigir cada vez mais dinheiro. Então, pediu as contas no escritório e cruzou o país de uma ponta a outra, para manter a distância e seu dinheiro bem seguro.

Foi em um ônibus desconfortável, levando apenas uma mala e uma bolsa amarrada nas costas com todo o seu dinheiro. Chegou à nova cidade e não quis perder muito tempo procurando um lugar para pousar. Ali, perto da rodoviária, já avistou um pedaço de papelão onde estava escrito com caneta vermelha: “Alugam-se quartos”.

E foi ali que eu recebi a hora da sua morte, amém.

Até onde consegui acompanhar essa história, o Gume precisou acertar com a filha da dona da pensão, a Terezinha, uma moça mais nova que ele. A Terezinha se interessou pelo forasteiro. De início, como lhe era de costume, o Gume não lhe deu bola, mas a Terezinha ia insistir. Para conseguir um homem de poucas palavras como o Gume, a Terezinha, que tampouco era letrada, usou da arma da nutrição; como dizia sua mãe, o peixe morre pela boca. E fez os melhores e mais fortificados pratos da culinária regional. Sábado era feijoada, domingo era galinhada. Terças, frango com quiabo. Sextas, rabada. Tudo muito bem servido e incluso no preço. O Gume, que nunca chegou a passar fome, pelo que sei, pela primeira vez na vida se encantou por alguma coisa. A coisa era a comida da Terezinha. Um dia, junto com o prato, a Terezinha se pôs à mesa à espera de Gume, que chegava tarde da lida. Pois ela fez o prato do homem, um prato de muito respeito, diga-se de passagem. E eu já soube de muitos casos que, quando uma mulher faz o prato de um homem, ela quer algo mais do que alimentá-lo com comida. Para completar o banquete, a Terezinha colocou no centro da mesa uma garrafa de cerveja branca de tão gelada. E dois copos.

O Gume nunca foi de beber, mas quando ele bateu a porta da pensão atrás de si e olhou aquele monumento de arroz, feijão, agrião, batata e miúdos, coroados com aquela garrafa suada, depois do calor e da poeira que engoliu o dia inteiro e parte da noite, ele pensou que era merecedor daquele troféu.

O cheiro daquela comida estava impregnado na Terezinha, tão suada quanto a garrafa. A cor de carne assada que a Terezinha tinha formava um amálgama com o verde do vestido curto, que deixava à mostra as coxas enormes, cheias de furinhos por onde escorriam o caldo do seu corpo grande. Aquele cabelo crespo dela, negro como feijão, estava amarrado para cima, domado, mas os seios fartos explodiam do sutiã muitos números menores, como pães quentes recém-saídos

do forno, dos mais tostados. E o Gume, empanturrado de comida e de prazer, não ficou saciado naquela noite. Ele quis mais. E quis toda noite até a Terezinha anunciar aos quatro ventos que estava de bucho cheio. Eu soube que foi um bafafá danado, até o pai da Terezinha apareceu, ninguém sabe de onde, exigindo casamento. A mãe da Terezinha veio correndo com uma caixa enorme, de onde tirou um vestido de casamento puído e bem menor que a Terezinha. Os outros moradores se animaram, e começaram a dar palpites. Até os vizinhos vieram saber da novidade e cumprimentar os noivos. O Gume não gostou nada daquela situação, pois sentiu o cheiro de responsabilidade empestear o ambiente.

No dia seguinte, às quatro da manhã, o Gume se levantou e colocou seus poucos pertences na mala e todo o seu dinheiro, acrescido de algumas novas notas, na sua velha bolsa. Ninguém ouviu seus passos na pensão, de tão leve que ele pisou. Homem justo que julgava ser, em cima da mesa deixou um envelope com o aluguel do mês. Escreveu o nome da dona da pensão na frente, e o dele, atrás, no local do remetente. Pela última vez em sua curta vida, bateu a porta da pensão atrás de si e desceu as escadas até a calçada embaixo. Isso foi tudo o que eu soube de quando ele era vivo.

— *Está certo, até aqui, obrigado. Como bem disse, sou um homem de poucas palavras. Não saberia falar tanto. Até porque estou morto, e eu nem sabia que morto podia contar uma história. Naquele dia, quando eu desci a escada e pisei na calçada, você me esperava na esquina.*

— Pois se esse é o meu trabalho há milhões de anos, nada mais justo.

— *Compreendo, Excelentíssima. Mas não me parece nada justo uma operação policial iniciar naquela hora, e eu ser o primeiro a levar chumbo. Meu corpo ficou caído no chão com a barriga para cima até o sol rachar e as moscas aparecerem. A mala sumiu, nem vi quem levou. Mas a bolsa com o dinheiro estava muito bem amarrada nas costas, e ninguém nunca soube*

*o que eu levava ali dentro. Quem tirou o corpo dali foi a Terezinha, que gritava feito louca. A mulher tinha muita força, e arrastou meu cadáver até a sombra. Ela limpou, vestiu e abraçou meu corpo morto. Uns homens o levaram, abriram, remexeram ali dentro, depois costuraram tudo, até a bolsa nas costas. Depois a vista ficou enevoada até eu chegar neste caixão.*

— Meus pêsames, mas a vida é isso aí, ou melhor, eu sou isso aí. Faço o que o Cara lá em cima manda fazer, e não cabe apelação. Dessa história você entende. Digamos que você tem muita morte daqui para frente.

**Fernanda Silveira** é carioca de nascença e curitibana de coração. Trabalha como revisora de textos e é autora do livro de contos *Chá com mariposas* (Raiz, 2018).

# CONTO DA NOITE: O QUE O DIA DEIXOU

Francismar Lemes

Tem um lugar, o tempo, em que as coisas existem e depois apagam.  
É lá que eles viviam.

Muitas vezes, na dimensão da nossa existência, nada importante parece acontecer.

Só o tempo escreve sua agenda, lento como a calma.

Tempo e calma têm ritmos. Um quando menos percebemos já passou.

A calma é calculista. Sabe esperar a hora certa.

Se soubessem que seria assim por muitos anos — até que o tempo engolisse a calma, não teriam nunca pressa.

Durante o dia, as coisas aconteciam. À noite, contavam o que aconteceu.

Assim, dia após dia, esperavam o trem passar. Nunca andaram de trem, mas sabiam que ao passar da máquina, tinha passado meio dia.

O trem não costumava atrasar. Cada dia que passava, mais longe ficava a ingenuidade.

Era o sorteio que o destino faz para cada um de nós.

Quais seriam as virtudes que ficariam para sempre na estação e as que seguiriam o barulho do trem?

Foi olhando os rostos parecidos com pinturas borradas nas janelas do trem, que imaginavam mundos.

À noite, contavam o que aconteceu.

Para onde o trem vai?

Não sei, mas, um dia, vou estar numa daquelas janelas.

Você vai embora?

Vou. Não escapou a um porquê, que devolveu, dizendo que o trem desaparecia numa curva inacabável.

O outro demorou mais de anos para entender. Alguns começam a perder a calma mais cedo. É assim que amadurecem.

Querem desembarcar logo em qualquer lugar.

O outono vai chegando mais rápido para esses. Os dias vão ficando menores.

Inventavam conflitos, acreditavam no que queriam, mas alguns mistérios não conseguiam solucionar.

Das janelas do trem pendiam semblantes preocupados. Apesar de não saberem ainda o tamanho de uma preocupação, aquilo era intrigante.

Havia os que enxugavam os olhos e os que olhavam firme o horizonte que não tinha apontado.

Quantas histórias contaram sem repetir.

Viajavam com aquele trem sem saírem do lugar.

Só não conseguiam apaziguar a normalidade da angústia adoecendo dentro do corpo.

Esse abrupto estirão deu-lhes ciência onde era o desembarque final do trem.

Porém, continuavam esperando a noite para contar o que aconteceu de dia. Agora com menos alegorias.

Os estandartes com que enfeitamos as nossas histórias vão ficando pelo caminho conforme nos achamos sábios. Também perdem a graça.

Falavam de outras coisas e os acontecimentos do dia viraram resumos.

Faltava empolgação. Aquela curiosidade pelos personagens nas janelas foi diminuindo.

Começaram a olhar ao redor e a perceber o que sentiam falta.

Um desejo por novidade não chegou pelos trilhos do trem, mas fazia tanto barulho quanto mil locomotivas.

Indomáveis são os seres afligidos pelos desejos.

Uns vão em busca. Outros preferem a segurança.

Entre os dois havia essa diferença.

Chegou a hora de um deixar o tempo passar e o outro correr para não perder o trem.

Não eram mais os dois pequenos contadores da mesma história.

Não tinham desvendado os segredos dos passageiros nas janelas, mas tinham descoberto juntos tantas outras coisas.

Acontece que um tinha mais sede que o outro por conhecer os mistérios do mundo.

De alguma forma pelo resto da vida iriam se lembrar daquele tempo que viveram:

De dia as coisas aconteciam. À noite, contavam o que aconteceu.

**Francismar Lemes**, nasceu em Londrina, é jornalista.

# CORPO FERRAMENTA

Gregory L. R. Rossi

A dor veio primeiro, seca, martelando o crânio em eco ao rangido metálico de um porão esquecido. Depois, a textura áspera arranhando o rosto, e o cheiro de sal, azedo. Um peso. Um grunhido perto demais, uma língua que não era palavra, só cascalho e urgência. O corpo entendia, mesmo sem nomear. Tentou puxar o ar, mas era como tentar amarrar o vento; ele escapava, deixando um vácuo gelado no peito. Eram membros de outra pessoa, num lugar que não era lugar.

Um ash interrompeu a escuridão interna: o calor da terra vermelha sob os pés descalços, o riso da irmã mais nova correndo pelo quintal, o cheiro familiar de milho assando na cozinha da mãe. Conforto. Um mundo onde cada som, cada cheiro, tinha um nome e um lugar. Onde o ar era leve e pertencia a ela. Então, a sombra, o brilho metálico, um grito que se cortou no ar. A pancada. Era o último pedaço de casa.

Foi deixada como um descarte. O ar ao redor era frio, úmido, carregado do cheiro de peixe velho e maresia. Por uma fresta suja, via um céu cinza, gaivotas gritando como lamentos distantes, e o balanço incessante que a arrancava de qualquer memória. Outro mundo. A cabeça latejava, a garganta seca como se tivesse engolido poeira. Tentou emitir um som, qualquer som. Nada. O ar parecia preso, amarrado em algum nó invisível dentro dela. E para quem falaria? Para dizer o quê?

A viagem se tornou um borrão de escuridão e cheiros ruins. O ar no porão era um caldo grosso de medo e de línguas mortas. Mortas para ela. Havia outras. Dezenas. Cada uma com seu próprio som para a dor. Um choro que era quase um canto, agudo e nó. Um rosário de pragas, cuspidas entre dentes. Sons que lhe batiam nos ouvidos e não

entravam, ricocheteavam como pedras. Eram um muro. Um lembrete constante de que, mesmo naquele inferno compartilhado, ela estava só. Completamente só. A solidão mais cruel não era a ausência de pessoas, mas a presença delas, cada uma trancada em sua própria ilha de terror incompreensível.

No meio daquele nada flutuante, uma dor diferente surgiu. Baixa, uma garra torcendo por dentro, roubando o pouco fôlego que lhe restava. Seria doença? A água suja? A garra apertou, rasgando. Mordeu o lábio até sentir o gosto de ferro. Um calor úmido e pegajoso escorreu por entre as pernas. Na penumbra, olhou. Viu o sangue. Não era o sangue de um ferimento. Era um sangue diferente, denso, teimoso. E com ele, sentiu algo se desprendendo, uma sensação de vazio agudo, o ar fugindo dos pulmões numa exaustão que vinha de dentro, mais funda que os ossos. O corpo sabia. Um luto sem nome por algo que nunca fora nomeado.

Chegaram à terra firme, mas a sensação de estranheza persistia. Um galpão, onde o cheiro de produtos químicos queimava o ar que entrava. O trabalho começou: separar lixo eletrônico, os dedos logo em carne viva nos os de cobre. O barulho era de máquinas e de coisas quebrando. O único som humano era o dos guardas, latindo ordens que ela aprendera a decifrar pelo medo. Ao seu lado, uma mulher de pele mais clara e olhos amendoados tossia sem parar, uma tosse seca que rasgava o silêncio. Ela queria oferecer água, fazer um gesto, dizer algo. Mas que gesto? Que palavra? A mulher a olhava com a mesma desconfiança vazia que ela sentia. Eram ferramentas trabalhando lado a lado, não pessoas. Corpos movidos pela fome e pelo medo, desprovidos da cola que une os seres humanos: a linguagem.

Os dias se fundiam numa pasta cinzenta de exaustão. O mundo lá fora estava calado para ela. Aqui dentro, na cabeça, um zumbido constante. Para não enlouquecer, começou a reconstruir sua casa em

pensamento. Nomeava cada utensílio da cozinha, cada planta do jardim. Descrevia em silêncio o padrão dos tecidos que sua mãe tecia. Palavras soltas, ecos da sua língua perdida. Nomes. Sabores. Cantigas. Eram um nó para se segurar, um sopro de ar que só ela podia respirar.

Então, viu a menina. Pequena, não mais que uma criança. Pele escura como a sua, mas os traços de um povo diferente. Os olhos fundos carregavam um pavor que ela reconheceu como um espelho. A menina deixou cair seu pedaço de pão no chão imundo. Desabou num choro sem som, o peito subindo e descendo rápido, como se o ar estivesse amarrado ali também, sufocando-a. Os homens riram. Um som oco, cruel. Seu corpo lembrou. O vazio. E uma urgência, teimosa, de vida.

Naquela noite, na penumbra vigiada, deslizou metade do seu próprio pão para a mãozinha trêmula da menina. Um gesto. Só isso.

A menina olhou. Havia lágrimas, mas também um brilho novo. Gratidão. Apertou a mão dela. Um som escapou dos lábios da menina, uma palavra na sua língua desconhecida. Ela não entendeu a palavra, mas o coração, sim. Devolveu o olhar. E pela primeira vez em tanto, tanto tempo, seus lábios se moveram, formando uma palavra sua. Um sopro quase inaudível, que pairou por um instante no ar fétido entre elas.

*“Nkeiruka.”*

O vazio ainda estava lá. O silêncio também. Mas o nó que amarrava o ar em seu peito pareceu afrouxar, só um pouco. E agora, havia aquele som.

Nascido em Curitiba, **Gregory L. R. Rossi** é professor da área de saúde e profissional de educação física, com uma trajetória de reinvenção contínua. Sua paixão por explorar novos universos o levou à escrita, motivado pelas histórias que cada pessoa carrega.

# EXUMAÇÃO

Jaciara Carneiro

— Repito: não acreditei quando vi tua solicitação de amizade na rede social.

— Nem vem! Foram meses trocando comentários no grupo dos Perdidos do Colégio Sezefredo. Difícil ter te surpreendido.

— A gente deve essa ao Beto. Reunir a turma do Terceirão de 89 foi ideia dele.

— Verdade.

— Vamos fazer o pedido? Lasanha de frango?

— Isso. E uma limonada para mim, por favor.

— A lasanha daqui é ótima, embora não esteja no nível da que a tua mãe fazia.

— Já vale pela memória afetiva, como dizem.

— Tem razão.

— Cheio aqui, né?

— É assim todo dia. Mas, me conte: quando sai a mudança?

— Ainda tô procurando um canto. E a Lídia pegou a casa e tudo o mais. Tenho que montar outra do zero.

— É o preço da liberdade, não?

— Não seria bem o preço da liberdade... o preço da paz, talvez.

— E a ideia de voltar para cá daqui uns anos? Será que acontece?

— Pode ser que sim, mas mudar de cidade não é tão simples. Mesmo eu trabalhando como autônomo.

— Sei que não é. Voltei de outro país. Só que, da decisão à mudança, levei cinco meses. E essa tua possibilidade surgiu logo que voltamos a nos falar. Já faz um ano —

— Pois é... olha lá, a criança se estatelou no chão! Não sei como os pais deixam correr num restaurante lotado.

— Parece que não se machucou, ainda bem. Ei, isso me faz lembrar uma pergunta que nunca fiz: o que passou pela tua cabeça quando soube que seria pai?

— Por que a curiosidade?

— Talvez porque esse acontecimento estraçalhou a nossa esperança de viver juntos na capital?

— Esperança ou fantasia?

— As duas coisas, vai.

— Foi puro pânico. E você viu o desdobramento: meu pai me xingou de imbecil e irresponsável para baixo, acertou o casamento com a família da Lídia antes mesmo de eu processar a situação...

— ... nenhuma dor que eu tive até hoje foi mais intensa e profunda da que eu senti quando você me contou.

— Sério?

— Sim. Todas as decisões tomadas. Não podia fazer mais nada.

— E dizer que aconteceu depois de uma única vez com a Lídia, embalada por carnaval e bebedeira. Opa, chegou a lasanha. Obrigado, amigo.

— Pode me trazer uma coca, por favor?

— Veja, tua história mudou para muito melhor. Você se mandou desta roça, construiu uma baita carreira, morou fora—

— Só que nada disso altera dois fatos: você ficar com a Lídia enquanto alimentava meu sonho de você e eu vivermos um relacionamento; vocês não tomarem precaução alguma—

— Peraí! Não venha me pintar de vilão. O que existia entre nós era coisa de sonho, sim. Mas não havia um namoro. Sem contar que, dois dias antes, brigamos feio. O motivo, você sabe.

— De novo isso?

— Como assim, “de novo, isso”? “Isso” foi o principal! Você não ter coragem de fugir daqui comigo, que seria a única maneira de—

— Olha quem fala em coragem! A pessoa que o pai agarrou pela orelha para casar, antes que a barriga de grávida da aventurezinha de carnaval, que por acaso era filha do prefeito, aparecesse—

— Agora você pegou pesado. Por mais que minha história com ela tenha acabado, a “aventurezinha” é a mãe dos meus filhos, tá?!

— Que exaltado, o senhor! Baixa o volume aí. O restaurante não precisa ficar sabendo.

— Como queira, majestade! Até vou comer para fechar minha boca.

— Esta nossa conversa não tá fluindo.

— Não mesmo.

— Voltas ao redor do passado, somente. Que tal falar do futuro?

— Quem tá desenterrando o passado é você! Qual a proposta, afinal?

— Ué? A gente se reencontra pela internet depois de 35 anos remoendo tudo o que poderíamos ter aproveitado juntos. Passa um ano mais trocando mensagens. Se declara um para o outro de novo. Vai me dizer que não pensou numa retomada?

— Pensei, claro.

— Então, o que acontece aqui?

— Uma tentativa de ressurreição. De uma vida em comum que mata-mos e enterramos às pressas, debaixo de uma tonelada de conveniências.

— E por que será que nos reencontramos apenas hoje? Moramos a menos de 200 quilômetros um do outro.

— Você passa na correria por conta dos três turnos na faculdade e do Alzheimer do teu pai, certo? Eu também, sempre me lascando com questões de trabalho. E, agora, com o divórcio.

— Não te parece que a tentativa de ressuscitar o que tivemos tá mais para exumação?

— Boa. Cada um botando na mesa seu saco de ossos de quase 40 anos.

— O que a gente faz? Enterra de volta? Espera a tal ressurreição, sendo que, por definição, ressurreição é milagre?

— Cara, não sei.

— Bom, tenho que ver meus velhotes. A diária da cuidadora termina daqui a pouco. Vamos pedir a conta?

— Deixa que eu pago, Professor Marcos.

— Vamos dividir, Senhor Douglas. Você já teve a despesa da viagem para cá.

— Putz! Acabei de lembrar: de manhã, me mandaram mensagem da imobiliária. Apareceu um apartamento dentro do que eu quero. Dependendo de como for, vou embora amanhã, visito o apê, e já alugo.

— Beleza. Vamos nos falando.

— Diz para a tua mãe que mandei um beijo. E dá um abraço no teu pai por mim, mesmo que ele não esteja mais entendendo as coisas.

— Bom se fosse só ele que não estivesse mais entendendo as coisas.

— Pois é.

— Em todo caso, tô lá no grupo dos Perdidos.

— Estamos. Se cuida, Mar.

— Você também, Doug.

**Jaciara Carneiro** voltou à escrita literária depois de muito, muito tempo, por meio do conto que você lê aqui e de outro, que virou vídeo do projeto *Novas Leituras Curitibanas*. Mora em São José dos Pinhais.

# ESPELHOS

Jefferson Dantas

O corredor era, de fato, escuro demais. A parca luz que ali chegava vinha da sala lá no final. Com certeza aquele espaço precisava de mais iluminação. Isso explicava a pressa em lhe contratar. Quando pegou o celular, apertou os olhos protegendo-os do brilho exagerado. Suspirou de impaciência vendo a mensagem da esposa dizendo estar esperando ali fora enquanto ele terminava a vistoria.

Seguir as luzes o colocou cercado de si mesmo, onde espelhos refletiam sua imagem. Em cada um, estava maior, menor, mais largo, côncavo ou convexo e todas essas combinações e variações conforme se aproximava ou se distanciava dos espelhos. Encantado e assustado com tanta variedade de si, ele buscava em cada imagem uma diferença daquela que ele via todo dia quando fazia a barba ou quando se arrumava em seu quarto diante do espelho. Não havia muita diferença. Em todas elas, era o mesmo reflexo de si que via em casa. Não conseguiria nem se diferenciar deles. Começou a girar em si mesmo tentando entender a profusão concentrada de eus; os espelhos, girando em torno dele multiplicavam-se em reflexos de reflexos de reflexos de reflexos...

Um garoto rechonchudo olhava com certa curiosidade, tentando entender o que via. Roupa social com um logo no bolso da camisa, aliança no dedo, uns óculos retangulares e uma cara de infelicidade, a qual não conseguia imaginar o caminho que levaria a ela. Via a si mesmo na escola entediante, os colegas de turma lentos de raciocínio, as garotas irritantes. Podia dizer que essa infância estava basicamente sendo salva pela existência do PlayStation meio quebrado de um primo e dos horários sagrados em que passava Pokémon na TV. Tinha

também alguns poucos amigos com quem podia compartilhar desses prazeres, mas no geral, sentia-se sozinho e incompreendido. No final das contas, o que mais poderia querer? No que dependesse dele, passaria a vida jogando, assistindo a desenhos e comendo bife com batata frita. Sabia que esse momento chegaria, ansiava por ele. Quando crescesse, trabalharia para sustentar a vida que sonhava. Conseguia se imaginar morando em um apartamento legal, trabalhando criando jogos. Com certeza, jogos melhores do que as últimas porcarias lançadas. E ficaria tão rico que até poderia comprar uma casa para os pais.

Em um reflexo do reflexo, uma mão com marcas do tempo quase não segurava a mão estendida de carinho de sua filha. Ali, deitado em um leito de hospital, uma outra mão pousava delicada em sua cabeça e acariciava seu rosto com a familiaridade de quem conhece cada história que as linhas contam, enquanto leves sorrisos resignados se encontravam. Seus olhos úmidos pareciam varrer a sala com uma pausa quase imperceptível, para perceber as pessoas ao redor. Cada sorriso, cada lágrima, cada flor trazida para lhe fazer companhia. Sua neta, no canto, tentando entender o que estava acontecendo, sorriu quando ele a olhou. E o sorriso dela o levou para sua infância. Para a alegria de quando seu pai fazia misto-quente surpresa no café da manhã, ou a sua mãe ouvindo seus pensamentos e planejamentos sobre seus jogos, a sua irmã olhando encantada para as graças banais que fazia para que ela risse, e ainda dos jogos de queimada nas aulas de educação física. Não muito distante desse tempo, viria o primeiro beijo, o segundo... mais depois, o primeiro amor, o primeiro filho, o segundo amor, o segundo e terceiro filhos. Lembrou-se das viagens que fez ao longo da vida, dos filmes e dos livros. Jantares, encontros, festas. Prêmios, projetos e sucesso. Tudo isso se resumia agora naqueles dezoito metros quadrados de um quarto de hospital. Tudo que vivera,

que sentira, que amara, estava ali. Se não concretamente a sua volta, firmemente marcado em suas lembranças.

Sentiu-se rodopiando. Ou era a sala? Senti o peito prestes a se desfazer em cacos enquanto seus vários eus passavam em sequência nos espelhos, quase fazendo um filme de sua vida.

Quando tudo parou, ele estava agora de costas, em direção à saída da sala de espelhos, indo encontrar sua esposa e seu filho.

**Jefferson Dantas** é psicólogo e carioca. Descobriu-se também curitibano quando chegou há 17 anos. Recentemente se permitiu escrever literatura, como sonhava na infância.

# BRINQUEDINHO

Leonardo Meneghini

Hoje vou te esperar, sei que vou, assim como te esperei ontem e vou te esperar amanhã. De vez em quando me pego pensando no diferente, mas o tempo vem e afoga meus devaneios e já me imagino igual à vira-lata atropelada que vimos aquela tarde na rua, com a cabeça apoiada no meio fio como se fosse um travesseiro, morta mas olhando com ternura pros pedestres, que no susto desviavam o rosto pro lado. E nos finais de semana, quando você não sai, te surpreendo chorando no sofá e busco entender o porquê, mas você nunca me conta, fica só ali sentado mirando pra dentro. Você pensa que eu sou boba, que não sou capaz de entender as coisas, mas sou capaz sim, só que do meu jeito. E eu reparo em teus olhos inundados pelo grande afluyente que é a sua alma, e sinto vontade de beber essas lágrimas porque tenho sede de você, mas você apenas me afasta com a mão pra logo em seguida acender um cigarro, ir pra sacada e se perder sem precisar sair do lugar. (Eu sei dela, sei porque ela ainda está por toda parte. Mas não falamos a respeito, porque você não quer, você fala dela pelo pranto, e isso me basta.) Sabe que meus dias são feitos de você, mesmo quando você não está? E o apartamento passa a ser definido pela sua ausência, as coisas se delimitam como negativos da sua silhueta. Tudo perde seu sentido, tudo é sujeito sem predicado: a chaleira se reduz a metal, o colchão se reduz a espuma, a casa se reduz a tempo sem espaço. Desde que vim morar com você, o pior momento foi quando eu esbarrei na mesinha da sala e quebrei uma taça de vinho e você gritou, Burra, burra, como pode ser tão burra, e aí você me bateu e o que mais me doeu foi o choque, porque nunca cogitei que braços podiam ser usados pra causar

dor, até ali eles eram apenas carinho, as suas mãos enormes fazendo com que meu arrepio virasse só corpo, as suas mãos que me puxaram enquanto a água enchia meus pulmões desesperados por apertar o ar. E você nem ao menos me deixou te ajudar com os cacos, eu juro que tentei, então fui pra cama e fiquei lá deitada, triste, triste, achando que você viria falar comigo pra fazer as pazes, eu pediria desculpas se os pedidos de desculpas entre nós fossem possíveis, mas que nada, você saiu pra trabalhar sem me dar tchau, e eu fiquei imersa na solidão, tomada por um medo pontiagudo de que você não voltasse, de que você me deixasse, de que você desistisse de mim. (Naquele dia o tempo realmente se multiplicou por sete.) Mas à noite você voltou e eu não consegui conter a minha alegria e disparei em direção à porta pra te receber com todo o amor que eu guardo em mim, porque eu sempre me esqueço das nossas brigas, às vezes bastam cinco minutos, fazer o que se sou assim, é da minha natureza. Só que a partir daí o mundo virou um grande não, o apartamento virou um grande não, não faça isso, não toque naquilo, ai, ai, ai, e esse não transbordava pra minha vida, eu fico horas e horas consumida por isso, tentando entender o que passaria despercebido e o que poderia desaguar em outra briga e escalar o inaceitável. (Não ache que eu nunca pensei em fugir, nunca pensei em ir embora, sim, mas pra onde? Se lá fora tudo é um infinito, tudo é um inimigo.) Então sei que hoje vou te esperar, assim como te esperei ontem e vou te esperar amanhã. E vou ouvir o elevador abrindo e vou correr até a cama e vou apanhar com a boca o meu brinquedinho e vou me sentar em frente à porta, enquanto aguardo, ávida, o trinco da porta girar.

**Leonardo Meneghini** nasceu em Curitiba em 1979. É publicitário. Tem dois livros de contos publicados: *O Viajante Infinito* (2020) e *Não vá se perder por aí* (2024).

# NÃO ERA NADA, MAS ERA TUDO

Luan Azevedo

**Nota do autor:** O conto a seguir foi originalmente escrito como uma peça teatral, mas não havia roteiristas, trama, epílogo e, sinceramente, nem vontade. Tentaram vender como série, mas faltaram pessoas interessadas, figurantes, e, no caso, público. Reduziram para minissérie, mas mesmo assim foi considerado longo demais. Tentaram um livro, mas os editores disseram que estavam priorizando guias de festivais musicais. Chegaram a cogitar um vídeo no YouTube, mas os atores se recusaram por medo de comprometer suas carreiras. Por fim, restou apenas fôlego e resignação suficientes na tentativa de transformá-lo em um conto. E olhe lá.

Ah, e por um pequeno mal-entendido, envolvendo pressa e café frio, pode haver erros de escrita, indicações indevidas e passagens em que os personagens falam diretamente com a plateia, mesmo sendo, oficialmente, um conto. Pedimos desculpas pela confusão estética e estrutural dessa ~~peça teatral~~ conto.

Do corredor, ouve-se repetidamente os gritos:

— AHHHHHHHHHHHHHHHHH EU VOU MORRER!

Diz Geraldo.

Nair assustada ao ver o marido naquele estado com a mão no peito, solta as agulhas de tricô e se levanta da poltrona em frente à tv.

— O quê?!

Geraldo, se apoia no batente da porta e repete:

— Eu vou morrer! Tô com falta de ar.

Nair corre ao telefone.

— Vou ligar para ambulância. — Geraldo a interrompe rapidamente:  
— Não! Não agora! Eu não vou morrer já. A iminência de morrer faz meu pulmão entrar em greve. Mas acho que ele já está entrando em acordo coletivo com a morte.

Nair inclina a cabeça para frente e joga um olhar de anos de casamento em Geraldo por cima da armação dos óculos de grau e responde.

— Nessa condição, eu nem saberia por onde começar a explicar para o SAMU — Ainda explica, com a paciência de quem já alfabetizou uma geração inteira e agora lida com surtos geriátricos como matéria eletiva.

— Escute Geraldo! Você tem 64 anos e me dá um grito desses às dez horas da noite. Você que quase me leva junto! — Com ternura, continua.

— O psicólogo está te ajudando com essa crise de ansiedade? O que ele tem recomendado? Percebo piora na sua situação.

Geraldo, desaba na poltrona ao lado da esposa.

— A última recomendação dele foi “aceitar a incerteza” e marcar um horário específico só para me preocupar. Eu mal consigo agendar uma consulta no dentista, imagina um “período de preocupação!”. Além disso, da última vez que tentei essa técnica, meu ego, meu superego e meu id entraram numa verdadeira discussão sobre o futuro e o passado. Até hoje eles estão brigados, como se tivessem rompido relações.

— Tá bom, Geraldo. Sua imaginação já foi longe demais. (*encara a última fileira no teatro*)

— Para um professor aposentado, isso é quase ficção, mas barata. Mudando de assunto: Quer um chá quente de melancia?

Sem dizer uma palavra, Geraldo acena positivamente resignando a própria existência.

O casal segue para a cozinha, como se o caos psicológico tivesse sido só mais uma parte da rotina noturna.

— A culpa é daquele médico — Começa a conversa no novo cômodo, acompanhando Nair pegar a chaleira e colocar a água para ferver.

— Só agora é que eu entendi a piada. Isso me levou direto ao desespero existencial. — Suspirou. (*Meio derrotado olha para os primeiros assentos da plateia*)

Nair lança um olhar com um ar de incredulidade para ele enquanto serve uma xícara acompanhada do sachê.

— Acho que vou ligar para ele. Preciso saber se eu ri tarde demais ou se ele estava tentando me avisar da morte usando uma nova forma da semiologia médica.

Nair estranha, mas complementa:

— Você vai ligar para ele a essa hora da noite?

— Eu não consigo dormir!

(*Geraldo fala acelerado novamente e segue até o proscênio*)

— Por que ele falou daquele jeito? Por que meu proctologista resolveu fazer uma piada exatamente naquela situação?

Nair deu um meio sorriso, rendendo-se à insanidade do momento.

— Sabe Geraldo, até acho bom você ligar. Não é possível que eu seja a única pessoa acordada vendo essa loucura acontecer na minha casa.

— Tenho que ligar para ele — Efusivo.

Pega o telefone, e, forçando a visão, tenta encontrar os números enquanto deixa a xícara de lado. A linha mal chama e surge um bocejar do outro lado.

— Boa noite, Doutor! Aqui é o Geraldo, seu paciente.

Com espanto e voz sonolenta, Doutor Bernardo responde.

— Boa noite, Geraldo. Algum problema? O que posso ajudar?

— Doutor, eu entendi a piada. Agora queria saber o que vem depois.

— Como assim? Aconteceu alguma coisa? — Perguntou o médico.

— Eu entendi a piada que você contou na última consulta. Ontem mesmo.

— Que piada Geraldo, eu atendo mais de 25 pacientes por dia.

— Não, doutor, é que você contou uma piada da última vez no meio de um exame meio delicado, e eu, em posição de vulnerabilidade, só fui entender agora. Só queria saber se o final da piada tem alguma relação com os meus exames.

Ouve um suspiro.

— Olha Geraldo, agora não tem tempo...

Geraldo interrompe no mesmo segundo e desabafa.

— Eu sabia que ia morrer, sabia! Sabia! Quantos dias Doutor? Até ouvi você coçando o queixo pela delicadeza da sua fala. Desabafe Doutor...

— Não quis dizer isso, não, se acalme! — Tenta recuperar o controle da sanidade daquela conversa.

— Quis dizer que agora não tenho tempo para isso, para te explicar. Prossegue o médico.

— Geraldo, já é tarde, veja bem, eu ainda não recebi seus exames. Dos que eu já vi, parece que está tudo ‘ok’ para um senhor da sua idade. Semana que vem nos encontramos e te dou um laudo completo da sua situação. E se quiser ainda te conto mais algumas dessas. Tenha uma boa noite. — Ao desligar, Geraldo ainda ouve antes do clique do telefone ser recolocado no gancho, uma voz abafada, mas clara o bastante para ferir o ego: “Cada maluco que me aparece...”

Na cozinha, de braços cruzados, Nair o encarou com aquele olhar de quem já ouviu de tudo — e ainda espera se surpreender. (*Fica virada para a plateia*)

— Vamos lá, Geraldo... Qual era a piada que te jogou nesse abismo emocional?

Geraldo coçou a nuca e começou a falar de forma quase pedindo desculpas por existir.

— Olha... dizem que ... quando um médico chega no céu, os portões do paraíso tomam a forma daquilo que ele mais ajudou a curar. — Faz uma pausa. Nair continuava imóvel. Ele segue.

— O cardiologista encontra um coração gigante. O ortopedista, um fêmur ou costelas douradas. Mais uma pausa. Geraldo olha para o chão, como quem lamentava ter memória.

— E o proctologista... bem....

Uma pausa da Nair de exatos cinco segundos silenciosos que parecem demorar.

AHHHHHHHHHHH! Eu que vou morrrrrr! EU que vou morrer!.  
*(Nair sai do palco gritando inúmeras vezes).*

**Luan Azevedo** é jornalista, economista e mestre em Ciência Política. Casado com Ana Luiza, ele tem duas cachorrinhas: Tarsila e Anita.

# O MENINO ROXO

Manu Marquetti

Visto de baixo, o penhasco não parecia tão alto. Mas era imponente, parecia olhar para as crianças lá embaixo com o nariz empinado, como quem diz “você não terá essa audácia”. Ricardinho e seus amigos subiam em zigue-zague, o que tornava o penhasco apenas o fim de uma rua que subia e não havia saída. Mas a saída para Ricardinho seria pular até atingir o lago que se esticava lá embaixo. E se ele conseguisse, se sobrevivesse à queda, seus amigos iriam logo atrás.

Ele era conhecido como Ricardinho apenas pela família. Há alguns meses, em meio a desafios sem sentido, o grupo de meninos descobriu que Ricardinho, o menor de todos, conseguia prender a respiração por cinco minutos. Um deles cronometrou em seu relógio-calculadora, o restante olhando atento o menino com o peito estufado, os lábios cerrados e o rosto adquirindo aos poucos uma tonalidade arroxeada devido à falta de ar. Ao fim dos cinco minutos e após o grito do dono do relógio, os meninos pularam e gritaram ao redor do amigo, enquanto ele recuperava o fôlego e restabelecia sua cor natural. No dia seguinte, a escola inteira já sabia o que tinha acontecido e passaram a chamar o garoto baixinho de Roxo. Ricardinho ficou muito feliz por abandonar seu diminutivo nato e ser chamado por um nome curto, completo, forte. Mesmo que fosse tudo mentira.

— Eu duvido que você prenda a respiração por cinco minutos.

— Você é burro, lógico que eu consigo. Gastou seu desafio com uma coisa fácil. — Ricardinho não tinha noção de quanto durava cinco minutos e do quanto seu corpo mirrado aguentava sem ar. Inspirou fortemente, fazendo um barulho alto com o nariz e a boca, encheu

os pulmões até arder, cerrou os lábios e fez sinal positivo para o amigo do relógio. Quarenta e cinco segundos depois seu corpo começou a implorar por ar renovado. Os meninos ainda o olhavam com descrença e angústia. Ricardinho sentia seu rosto queimando, não aguentaria por muito tempo, mas os meninos começaram a olhar para o amigo com admiração e respeito, não poderia desistir. Sutilmente soltou o ar pelo nariz, bem devagar, sem que ninguém visse o movimento em seu peito. Depois inspirou novamente pelo nariz, devagarinho, os lábios ainda cerrados, tentando manter a pressão na cabeça para demonstrar o esforço que fazia para manter o ar dentro do corpo. Os meninos começaram a vibrar, porque os cinco minutos se aproximavam. Ricardinho prendeu outra vez o novo ar e esperou. Precisou mentir mais de uma vez até que os malditos cinco minutos acabassem. Ninguém notou sua dissimulação.

Lá do topo do penhasco, o grupo olhava a água azulada e tranquila. Parecia sentir a expectativa do impacto que a atingiria em breve, mantendo todas as moléculas calmas para receber o corpo do menino e, então, se agitar e revoltar e fazer aquele escarcéu que só a água gelada de um lago em dia de verão sabe fazer. Roxo já estava sem seus chinelos e sua camiseta, vestia apenas seu calção e sua cara de pau. Tentava calcular se a queda duraria cinco minutos ou mais, pois sabia que conseguia mentir por pelo menos esse espaço de tempo. Talvez durasse menos, como quando a gente pula do trampolim da piscina, que não tem nem metade dessa altura, mas a gente chega tão rápido na água. Mas poderia durar mais, e ele estaria puxando o ar bem na hora que atingisse a água e se afogaria. Poderia acontecer.

Roxo sabia nadar, seu pai o ensinou já pequenininho, junto de sua irmã mais velha. Na época, o pai o elogiou, dizendo que ele levava jeito para a coisa. Então estar na água não seria problema. O problema era a mentira que o levaria até lá. Na cabeça de Roxo, a distância entre o

topo do penhasco e a superfície da água era de cinco minutos e alguns centímetros de respiração falsa. E os amigos precisavam ver o garoto pulando para terem certeza de que era seguro.

Seria um experimento científico. Os meninos ficariam lá em cima observando tudo, um deles com o dedo firme no relógio, pronto para cronometrar; o outro com um caderno e uma caneta na mão, anotando os dados coletados; outro desenhava o ambiente para registrar o evento; e outro preparava o terreno, tirando obstáculos do caminho. Observavam e anotavam de que maneira o amigo prendeu a respiração e depois soltou, depois prendeu de novo e soltou mais uma vez, aquecendo o pulmão. A forma que ele ajustou o calção, desamarrou e amarrou o cordão, mantendo a roupa firme ao corpo. Os seis passos largos que deu até a beirada, olhou ao redor e voltou à posição inicial. O pulmão enchendo e esvaziando, até se encher por completo.

Os amigos já conheciam o sinal. Roxo cerrou os lábios, o peito estufado, o tom de seu apelido começando a surgir instantaneamente na testa. Eles sabiam que ele estava pronto.

O cronômetro começou. O garoto correu. O pulmão ainda não ardeu. Mas o coração acelerou. A expectativa aumentou. As pernas deram o impulso. Os pés se desprenderam do chão. O corpo voou. Os olhos acompanharam. Os braços se debateram. Depois se colaram ao corpo. A água espirrou para o alto. As moléculas se contorceram. O lago tremeluziu. E se acalmou.

Os amigos olhavam de lá de cima aflitos, o tempo passando. Não se movia um músculo. Não se ouvia um som. Roxo voltou à tona, o cabelo cobrindo a testa, o pulmão pedindo por ar. Os amigos gritaram e pularam, enquanto o menino lá embaixo recuperava o fôlego aliviado, rindo da comoção.

Ele ouviu o amigo gritar que não durou nem um minuto, que eles poderiam pular despreocupados. Apenas alguns segundos deram a Roxo a cor que não descolaria de seu rosto nunca mais.

**Manu Marquetti** é curitibana, formada em Letras — Português e trabalha como preparadora e revisora de textos desde 2018. O conto publicado nesta coletânea é sua estreia como escritora.

# ARFAR

Maria Luiza Menegazzo

A mulher sorri. Olhar enviesado, entre curioso e inquiridor, me olha e sorri, como quem quisesse me penetrar, enxergar por dentro, perscrutar cantos obscuros e secretos, julgar impiedosamente, atravessar meu corpo, saber mais de mim que eu mesma. Confusas, ajeitamos, ao mesmo tempo, os cabelos. 42 anos, quase nenhum procedimento, um tantinho acima do peso, mas até que bem feitinha de corpo, devia faltar menos na academia, começar a correr, cuidar menos de todos e mais de mim mesma, contrariar esse olhar que me sentencia.

Diploma enquadrado, mas não pendurado, mais pela mãe, que por mim mesma, nunca dei tratos a isso, a meta é ser competente e seguir com o plano de ascensão na carreira, só fazer tudo certinho. A vida toda.

Aliança de nome gravado, algumas bodas com títulos estranhos comemoradas, porque aquele era um cara bom, então era de se comemorar, embora se parecesse a tantos outros homens nos seus conceitos sobre o feminino. Bom negócio era não criar muita expectativa, acordo tácito, e seguir com a casa limpa, as toalhas secas, os sonhos bem dobrados e guardados em meio aos lençóis cheirosos, no armário sem pó.

Subitamente vem aquela faca no peito, sem saber de onde nem por quê, sem ai e sem dó! Boca aberta, comendo ar, denso e quente, trôpega e confusa. Em gente jovem, infarto é fulminante, lera. Estaria morrendo? Assim, sozinha, com a carne descongelando sobre a pia? Com a máquina batendo o uniforme do filho, que vai precisar amanhã bem cedo, sem saber se o novo amaciante vai deixar mesmo o cheiro de frescor prometido? E dele, o filho, qual outra mulher prestimosa e

amável vai cuidar, zelando pelo futuro e exigindo enquadramento de seu diploma que não pendurará nunca em canto algum?

Boca seca, garganta fechada, ouvidos tapados que nem quando se desce a serra, deixando a vida e seus ruídos cada vez mais longe, longe, longe. Assim que se morre? O coração para, o sangue que escoo rápido e absoluto, cavidades secas, veias estufadas na cabeça que explode.

Ânsia. A de vida e a de vômito, tudo junto agora, revirando o estômago e as vontades. Sumir, sem um último gozo, sem um último gole, sem qualquer aviltamento dos pudores regrados?

42 anos e uma vida tão miseravelmente digna.

Poderia ter agarrado cada chance de viver desregradamente, não assassinado cruelmente meus quereres, errado, errado muito, viajado por terras estranhas, outras pátrias, renegado o sobrenome, xingado os parentes, riscado as lousas com desenhos indecentes, quebrado os pratos, deixado os peixes morrerem de fome, deixado o filho dormir descoberto, traído solenemente o marido, descoberto outros apetites e sanhas.

Falta o ar, falta o ar, as mãos no tórax, crispadas, sôfrega, as veias da cabeça calibrosas e barulhentas, os ruídos só dentro, a boca seca, calor, frio, suor.

Poderia ter rido bem alto, escandalosa e vulgar, dado pra todos, fumado muito, os lícitos e os ilícitos, não ter feito primeira comunhão nem casado na igreja, como a mãe quis, que nem o diploma. Que podia não ter enquadrado, só mesmo por não querer.

Poderia não ter querido mais vezes.

Então é assim que se morre? À mingua, peito esmagado sem ar e sem amor, dos outros e o próprio? Os olhos turvos, as pupilas grandes, estrelas espocando no olhar baço. As pernas mancadas, os esfíncteres frouxos, o cheiro do corpo, do pior do corpo. Engulhos, nojo. Puro corpo, absoluta carne, trêmula e fria. Arquejar, flamejar, arder.

42 anos, há 18 no trabalho, cumprindo horário, fazendo rico o outro, mas sem enricar. O pai, que não deu valor nem palpite quanto a enquadrar o diploma, aqui fez enquadrar o desejo. Respeite os superiores, dê-lhes a perfeita certeza de que assim são, cumpra os deveres, não peça favores, chegue no horário.

Hoje, então, haverão de descontar o dia, porque lá não estarei. E descobrirão o livro aberto na gaveta que lia quando fazia de conta que trabalhava, jogarão enojados as bolachas e guloseimas com que me empanturrava sobre o teclado do computador, bem embaixo, de propósito, do aviso para não comer na área de serviço, o mínimo de subversão para sentir-me viva.

Depois da morte, isso será considerado uma tolice, uma escapada boba e despreziosa, porque era boa pessoa, afinal, cumpridora zelosa de suas obrigações. Será que morrer é assim, tornar-se boa e afável, assim como nem sempre fui? Como quase nunca fui?

Calma, respira, aspira, expira, aspira, expira.

A tormenta arrefece, parece que passa, desvanece. Pupilas, pressão arterial, bombeamento de sangue, batimentos cardíacos. E o ar! O ar que, enfim, entra e sai. Mantém vivo esse corpo, renova o epitélio, fossas nasais, abre a glote, laringe, faringe, dilata os brônquios.

Então não terei de morrer, outra vez não morrer. Vou ali colocar o sublingual, alinhar as roupas com as mãos, decidir se peço ou não mais um atestado ou se enfrento a vida. Então terei de responder por mim, minhas faltas, minhas falsas, minhas rugas, meus restos indigestos.

Desdizer, pálida, a mulher do espelho, com seu sorriso esquisito.

**Maria Luiza** é psicóloga e teima em escrever, pelo entendimento de que escrever é sobre pensar e avançar, delicadamente, na compreensão sobre a vida e as pessoas.

# CASA CHEIA

Renata Neves

O trajeto começou por acaso. Ela viu na TV a história de um homem que revirava o lixo da lotérica todos os dias, até que aconteceu: ele encontrou um bilhete premiado e ficou rico. Joana se imaginou na TV também, dando entrevista, rindo, os parentes a procurando, churrasco, casa com piscina.

Acordou no outro dia às 04h da manhã, um pouco mais cedo que o habitual. Ligou o rádio para ouvir as notícias, mas naquele horário era só música antiga. Deixou tocar mesmo assim. Não estava prestando atenção, só queria evitar o silêncio. Tomou o café apoiada na pia da cozinha, o olhar vago. A música, o café, a rua vazia, as luzes apagadas, a faziam sentir algo de um tempo que não sabia nomear — não sabia se era bom ou ruim. Sem dar mais espaço para os pensamentos, jogou o resto do café na pia e saiu procurando pela casa as coisas que precisava levar.

No final das contas, levou apenas uma bolsa grande, de plástico, dessas para fazer compras no Paraguai ou no Brás, que havia ganhado de uma vizinha anos antes. Guardou porque sabia que um dia serviria para alguma coisa. Por precaução, também levou Zuza, um caramelo velho, sem alguns dentes, mas nervoso o suficiente para assustar algum desavisado. Saíram pelo portão enferrujado, ela apertando a sacola embaixo do braço, como se já tivesse um bilhete premiado lá dentro.

No caminho até a lotérica, passaram pelo mercado. E, de repente, lhe ocorreu que o lixo do mercado também poderia ser interessante. Ela parou por alguns instantes, como se esperasse aprovação, mas era só ela e Zuza. Ao se aproximar, hesitou diante do cheiro, mas continuou olhando atenta, até que escolheu uma sacola. Primeiro chutou. Caso

saísse um rato, ela teria tempo de recuar. Sem sinal de vida, Joana abriu a sacola. Só embalagens sujas e papéis amassados. Na próxima, mais embalagens rasgadas, mas no meio, um punhado de chaveiros antigos. Afastou do rosto, na direção do poste, e viu vários frangos sorrindo para ela. Lembrou da propaganda: a cada 10 tabletes de caldo de frango, ganhe um lindo chaveiro! Ela, que nunca ganhava nada, enfiou a sorte na sacola. Munida de alguns frangos sorridentes e um cachorro banguela, retomou o caminho.

Não tinha relógio, mas olhando para o céu achou melhor apertar o passo. E se alguém tem a mesma ideia e chega antes? Resolveu deixar a lixeira da farmácia para amanhã. Na lotérica, ela não hesitou. Nem lembrou de chutar o primeiro saco. Abriu e foi enfiando na bolsa tudo o que parecia resultado de loteria ou bilhete. Em casa ela poderia conferir com mais calma. No caminho de volta, o sol começava a nascer. E com ele, nasciam ideias na cabeça de Joana. Talvez fosse melhor arranjar uma bolsa maior.

Em casa, conferiu cada bilhete que nem viu o tempo passar. Não ganhou nada naquele dia, mas não desanimou. Resolveu guardar os bilhetes em uma gaveta. Quem sabe quando quisesse jogar, poderia se basear em combinações já sorteadas. Aos poucos, Joana ia aumentando seu itinerário da sorte. Buscava pequenos prêmios nas sacolas do bairro até encontrar o grande prêmio. No lixo do salão de beleza, muitos cabelos picotados, mas também já encontrou um secador de cabelo. Estava sem o botão de ligar, mas pensou “É só arrumar e fica novinho!”. Guardou debaixo da cama para arrumar quando tivesse tempo. A casa, cheia de possibilidades. Passou a dormir no sofá da sala, já que reservou a cama para as pilhas de roupa, que se aproximavam do teto aos poucos. Sempre achou a cama muito grande só para ela, de qualquer maneira.

O ritual, sempre o mesmo: café encostada na pia, olhar vago, música antiga, dor recolhida. A casa, cheia.

**Renata Ramos das Neves** nasceu em Curitiba. Meio historiadora, meio pedagoga, gostaria de ser mais escritora.

# STELLA

Rosemari Farago

Certa vez Stella participou de uma palestra que uma amiga havia convidado, mais para fazer número, do que qualquer outra coisa. Na entrada, bastava deixar o nome e a data de nascimento. O palestrante falava empolgadamente sobre o poder da lua cheia. De repente questionou quem era Stella. Ela surpresa ergueu a mão e então o palestrante perguntou: você sabia que tem muito poder de cura nas mãos? Stella responde: não sabia, mas estou com muita vontade de fazer um curso de Reiki. O palestrante então aconselhou: faça, você vai poder ajudar muita gente.

Stella saiu dali decidida a fazer o curso e não parou por aí. Fez várias formações. Adorava estudar e ajudar as pessoas, mas sentia que faltava alguma coisa, era um desconforto, uma pontinha de angústia que a acompanhava sempre. De tempos em tempos sentia uma necessidade de reabastecer suas energias e para isso o seu refúgio preferido era a casinha modesta dos seus avós.

Stella quis conhecer melhor uma senhora e pediu um benzimento, esta prontamente a atendeu. Nesse benzimento, Stella voltou no tempo em várias vidas passadas e entendeu que tinha sido uma bruxa e morrido na fogueira. Percebeu então, por que tinha tanto receio de trabalhar com pessoas, pois no passado, tinha sido punida por isso. Entendeu também seu poder de cura com as mãos, tudo que tocava se transformava, desde uma comida, com seus temperos, até o plantio de uma flor, o toque suave na alma, com uma palavra certa na hora mais incerta. Seu olhar era de pura compreensão, seus ouvidos eram

atentos e seus conselhos sensatos e precisos. As pessoas a sua volta se sentiam seguras e acolhidas.

Parece que tudo começou a fazer sentido em sua vida. Não se sentia mais sozinha, mas conectada com o mundo, fazendo parte do todo. Como se um quebra-cabeça estivesse completo, sem faltar nenhuma peça. Seu sorriso agora era mais largo, seus passos mais seguros, sua postura mais ereta e confiante e suas atitudes mais assertivas. Não havia mais dúvidas, iria seguir seu destino, mas muitas dúvidas começaram a atormentar seu sono.

Quando conseguia dormir seus sonhos eram estranhos, sempre estava em locais desconhecidos, com seres míticos, cercada por uma floresta que se iluminava com várias fogueiras incandescentes e várias figuras dançavam ao entorno do fogo e cantavam numa língua totalmente desconhecida.

Quando acordava, estava desorientada, toda molhada de suor e cansada. Percebeu que tudo aquilo era mais que um sonho. Ela tivera atravessado um portal que a transportara a outro mundo, tão ou mais real do que este em que vivera até então. Percebeu que era um caminho sem volta, que nunca mais seria aquela moça ingênua de antes. Experienciara uma vida totalmente nova. Sentia medo no início, mas a sede do saber era muito maior. Ansiava por acabar todos os seus afazeres mundanos, para penetrar naquele universo desafiador e envolvente caindo no mais profundo sono revelador...

Foram dias ou meses infinitos de possibilidades, não sabia mais ao certo por quanto tempo durou seu processo de transformação, mas foi gradual e irreversível. Cada dia se sentia mais forte, mais determinada, mais integrada. Conseguira entender a língua estranha, estava se comunicando por telepatia, com todos os seres que encontrara. Sua mente se expandia cada vez mais. Estava encantada com os seres

de luz que passavam seus ensinamentos com apenas um toque sutil. Não andava mais, mas flutuava com graciosidade e muita facilidade.

Aprendera o poder da magia, poções de cura, danças de saudações, respeito à natureza, viagens no tempo e vida eterna.

Passaram-se meses, anos ou séculos e Stella estava muito mais madura, mais sábia, mais serena e confiante. Sentia-se trasbordante de amor e compaixão, sua aparência era esplendida, irradiava uma aura de suavidade, mas também uma certeza, firmeza de propósito. Sentia-se completa e feliz, tinha finalmente encontrado seu lugar no mundo e sabia exatamente como agir para melhorar seu universo.

Transitava agora pelos dois mundos com tranquilidade e naturalidade. Conhecera Zef, tinham muita afinidade e cumplicidade, e juntos, o mesmo propósito de vida. Trocavam olhares e pensamentos, segredos e sonhos. Formavam uma linda dupla. O círculo se completou e agora sentia-se mais plena do que nunca. O amor se fez presente em sua vida, mas não era um amor romântico, mas um encontro de almas. Um amor incondicional que ela jamais nem sonhara em encontrar.

Juntos eram mais fortes e felizes e podiam realizar mais, muito mais. Aprenderam os segredos da natureza, compartilharam seus conhecimentos ancestrais e passavam adiante, tudo fluía como o próprio fluxo da vida. Construíram juntos uma escola de magia e acolhiam ali os jovens recém-chegados, perdidos e inseguros, como eles também foram um dia e com toda sabedoria apreendida, serviam de amparo e ponte para a transição tão necessária.

Com o tempo a escola transformou-se em um complexo, onde as pessoas poderiam permanecer e receber todos os ensinamentos necessários para seu crescimento pessoal e depois aplicar isso tudo para o bem comum, expandindo essa rede por todos os cantos do mundo. Seres iluminados, colocando a magia como forma de acabar com todas as mazelas da vida. Lugar que não houvesse mais tantas injustiças,

onde os valores mais sublimes estivessem em primeiro lugar. Onde empatia, respeito pelo próximo e pela natureza, não fossem apenas palavras bonitas repetidas sem sentido, sem colocá-las em prática, mas uma forma de viver em sociedade.

Zef constata que Stella é sonâmbula...

**Rosemari Farago** é poeta e escritora curitibana. *Rose Toda Prosa* (2019); *Rose Toda Poesia* (2024) e participou das quatro edições coletivas.

# PAPO RETO COM MINHA PRÓSTATA

Rubens Gomes Corrêa

Era uma manhã ensolarada quando me vi sentado na sala de espera do consultório do Dr. Urinaldo Pinto da Silva, o urologista mais conceituado da cidade. Atmosfera tensa na sala de espera, como se todos os homens ali estivessem aguardando o resultado de um campeonato de futebol — na verdade, estavam apenas esperando para se encontrar com suas próstatas.

“Que situação, hein?”, pensei. Nunca tinha tido tanta intimidade com minha próstata, e agora ela estava prestes a se tornar a protagonista de uma conversa que eu não sabia se queria ter. Maior, parecia estar, como se tivesse aumentado de peso como eu mesmo aumentei nos últimos anos, e gritava por atenção. E quem diria que um simples toque retal poderia gerar tanta ansiedade?

Quando finalmente entrei no consultório, Dr. Urinaldo me recebeu com um sorriso descontraído.

— Então, vamos falar sobre a sua amiga íntima? — Apontou para um quadro com a imagem de uma próstata na parede. Como se fosse uma obra de arte moderna.

— Amiga íntima? Ela não me avisou que viria para cá! — eu respondi, tentando quebrar o gelo.

Dr. Urinaldo riu.

— A maioria dos homens tem essa relação complicada com suas próstatas. Mas é melhor conhecer bem elas do que viver na ignorância.

Aliás, eu já estava começando a sentir como se tivesse me esquecido de pagar uma conta e agora teria que arcar com as consequências. Mas

tudo bem! Eu era o rei da procrastinação e agora estava ali, pronto para um tête-à-tête com a minha próstata.

Após alguns exames e um toque que eu preferiria esquecer, o doutor começou a me explicar sobre a Hiperplasia Benigna da Próstata — ou BPH, como os médicos adoram chamar.

— Então, meu amigo — ele disse com um tom sério. — Uma próstata aumentada pode causar disfunção erétil.

— Disfunção erétil? Agora você falou a minha língua — respondi meio nervoso. — Mas e a ejaculação? O que ela tem a ver com isso?

Foi então que minha próstata decidiu entrar na conversa.

— Oi, Roger! Sou eu, sua próstata! Olha só: enquanto você tá aí pensando em disfunção erétil e outros problemas existenciais, saiba que uma ejaculação pode ser minha salvação!

Fiquei chocado!

— Como assim? Você fala? E estava me escondendo isso?

— Claro! Você nunca me deu ouvidos! Mas vamos lá: quando você ejacula, isso pode alterar minha resposta imunológica e até reduzir inflamações. Basicamente, é como fazer um SPA em mim!

Dr. Urináldo olhou em meus olhos surpresos e soltou um sorriso cúmplice.

— Viu? Sua próstata é cheia de segredos!

— Espere aí — eu disse, tentando processar toda a situação. — Você está dizendo que eu tenho que... fazer isso mais vezes? Para manter você feliz?

— Exatamente! — respondeu minha próstata animadamente. — E não só isso! Menos estresse significa menos atividade do sistema nervoso em mim. E isso evita que eu fique muito ansiosa e... bem... cancerosa.

Dr. Urináldo interveio:

— É verdade! E não se esqueça: cuidar da saúde é sexy! Você já viu alguém atraente se preocupando com sua saúde? Isso é pura sedução!

Olhei para ele e depois para a minha próstata.

— Então não é só sobre saúde; é também sobre ser irresistível?

— Exatamente! — disse ela novamente.

— E quem diria? A partir de agora, vou ser seu *personal trainer* da ejaculação!

Saí do consultório com mais informações do que poderia ter imaginado — e talvez até um pouco mais confortável com meu corpo e suas necessidades. Ao longo do caminho para casa, pensei nas conversas que teria com meus amigos e com minha esposa sobre tudo aquilo.

Quando cheguei, decidi escrever um texto sobre minha experiência no consultório do doutor e como essa visita mudou minha visão sobre minha próstata — e sobre a importância de cuidar dela.

No final das contas, percebi que não era apenas sobre saúde física; era sobre quebrar tabus e trazer à tona conversas necessárias entre amigos — mesmo as mais inusitadas! Afinal, todos nós temos nossas “amigas íntimas” escondidas e merecemos dar-lhes atenção.

E assim escrevi: se ao menos todos os homens pudessem entender isso... talvez nossas próstatas fossem mais felizes!

E quem diria? Agora eu tinha uma amiga íntima chamada Próstata, que não só falava comigo, mas também me ensinava a cuidar dela enquanto nos divertimos juntos.

O difícil será convencer minha esposa de que ela terá que entrar em campo para jogar também. O doutor bem que podia ter dado uma receita médica com essas explicações.

**Rubens Gomes Corrêa**, paranaense, apaixonado por histórias que falam de sentimentos da alma. Profissional da área da saúde e professor com 26 livros publicados. Recentemente passou a escrever poemas, contos, crônicas e novelas, dedicando-se à escrita como forma de conectar emoções e reflexões.

# TESTEMUNHAS OCULARES

Selma Mottin

Era a última vez em que Dona Lola tomava café naquela casa.

Última vez em que comia bolinhos de chuva, numa manhã de sol, naquela casa. Mas ela ainda não sabia disso.

É só jogar e pronto, como nas outras vezes? confirmou o Pinga, um olho despreocupado no pacote e outro esfomeado no bolinho.

É sim. Joga e chispa, você sabe. Mas quem é este aí que veio com você?

Antena, meu amigo. Vai só pra ficar de guardião. Por isso, quero pedir, Dona Lola, que a senhora pague com duas notas de dez. Uma pra mim e outra pra ele. Pode ser? Pode ser sim. Combinado. Mas só pago na volta. Depois do serviço feito.

Pinga — o rosto sempre vermelho, tostado de sol, rendeu-lhe o apelido — já conhecia o trabalho. Era levar o embrulho até a beira do rio, atirá-lo com força nas águas profundas, não olhar para trás, depois ir pegar o dinheiro. De quebra, ainda, Dona Lola oferecia um suco.

Antena ouviu do amigo as instruções. Ficaria no barranco, só de butuca pra ver se ninguém vinha. Se viesse, daria um assovio e sairia disfarçando. O resto podia deixar que o Pinga resolveria. Tarefa fácil para quem suportava duas aulas seguidas de Matemática na quinta-feira.

Depois de cumprida a missão, era correr pro abraço. Melhor, pra sorveteria do Bigo's. Vou tomar duas bolas de caramelo. E você, Pinga?

Vou de chocolate. Duas bolas também.

Pode deixar que vou fazer tudo direitinho. Fico na espreita. Vá lá embaixo que, se aparecer alguém, dou um fiiiuuuuuuuu.

Tudo acertado, Pinga agiu exatamente como nas outras duas vezes. Deixou as havaianas no alto, pertinho de onde estava o Antena, e desceu correndo os poucos metros que os separavam do barrento e amedrontador Ycatu. O pacote volumoso continha uma caixa, mas pesava pouco. Uns dois ou três quilos, talvez. Menos que a mochila da escola.

Apesar da pouca idade — contava agora doze anos —, o neto de Seu Isaías sabia guardar segredos e não fazer perguntas, mesmo curioso. Também acreditava muito no Antena, com quem partilhava sorvetes e segredos, como o de que gostava da Laura. Aquela ruivinha feia? Que mau gosto o seu. Prefiro a Verônica. Pelo menos tem cabelo preto. Mas pode deixar que não conto nada pra ninguém.

Para ganhar mais impulso, Pinga deu, em torno do próprio corpo, duas voltas com o pacote e atirou-o no rio o mais longe que pôde. O baque chamou-lhe a atenção. Como consequência do choque com a água, o saco plástico abriu-se. A caixa de isopor que ele continha abriu-se também. E dela saltaram, Jesus amado, cachorrinhos. Uns cinco ou seis!

Mesmo sem intenção de quebrar a promessa, Pinga os viu.

Antena também viu.

Desesperado, Pinga saltou na água. Salvaria os filhotes e ficaria com eles. A mãe não se importaria. Qualquer coisa, dividiria com o Antena.

Os filhotinhos, bem vivos, deixavam entrever, entre o boiar e o afundar, o pelo preto e branco.

Mesmo nadando bem, Pinga não conseguia alcançá-los, tal a voracidade da correnteza. Precisava vencê-la. E ele agora sabia como fazer. Nadaria respeitando o fluxo da água, não tentaria enfrentá-lo. Antena também sabia. Era arrancar o chinelo e se jogar.

Pinga, Antena, os cachorrinhos, o turbilhão de água.

Peguei um. Que lindinho!

Também peguei.

O turbilhão de água, os cachorrinhos, Antena, Pinga.

Pretos e brancos, os cachorrinhos. Estão respirando!

Caramelo, o sorvete.

Caramelo, a correnteza.

Chocolate, o sorvete.

Chocolate, a profundidade.

Do barranco, os chinelos assistiram impotentes à luta entre vida e morte. Não lhes faltassem pés, teriam intercedido. Não lhes faltassem palavras, teriam gritado por ajuda. Testemunhas oculares.

A tarde chegou, e os meninos não apareceram buscar as duas notas de dez.

Seu Isaías já perguntava pra todo mundo alguém viu meu menino?

Dona Isabel ainda confiava que o Antenoginho estava por aí aprontando alguma. Decerto não foi pra escola porque tinha aulas de Matemática.

O Gregório, da farmácia, jurava ter visto os dois embarcarem num caminhão com placa do Rio de Janeiro.

Os taxistas da praça testemunhavam em nome de Deus que viram os piás inda agorinha na sorveteria.

Igarapeçu adormeceu inconformada, triste e com muito medo. Quem se aventurasse a ir pra rua naquela noite encontraria um único ser vagando: a cachorra Princesa, que procurava aflita os filhotes que dera à luz naquela manhã e a mulher que lhe proporcionava carinho e proteção havia anos.

**Selma Mottin** é paranaense. Professora de Redação há décadas, publicou seu primeiro livro, de crônicas, em 2016, *Café com leite quente* (Arte e Letra). Teve uma crônica premiada pela Academia Feminina de Letras do Paraná e participou de vários livros coletivos de contos.

## OUTROS ARES

Sonia Bittencourt Rodrigues Nunes Wolff

O barulho da bandinha chegava longe e Marina foi atraída para a frente de onde até uns dias atrás, havia um grande tapume. Tinha palhaço, bandeirinhas coloridas, carrinho de pipoca e música alta. Ela foi para o meio da multidão. Muitos cartazes informavam as ofertas de inauguração e dentro, num dos corredores, encontrou num quiosque uma mulher que ao que tudo indicava se achava parecida com a Emília, do Sítio do Picapau Amarelo. Ela distribuía sorrisos e bexigas coloridas.

– Me dá aquela amarela...

A bexiga era grande, de tão cheia estava transparente.

Marina andou por alguns minutos, segurando a bexiga pela cordinha de fitilho. Viu que alguns produtos estavam com o preço um pouco abaixo do normal.

Não comprou nada e andou até a porta com sua bexiga cor de sol.

Foi difícil desviar de toda aquela gente, mas enfim chegou até a calçada, quando um rapaz alto, bonito e forte chamou sua atenção. Nem percebeu que ele estava apressado e se assustou quando ele esbarrou no seu ombro.

Desequilibrada segurou no poste para não cair, e então amarrou a cordinha no pulso esquerdo e foi saltitando para casa.

– Olha, mãe, já inauguraram o mercado ali da esquina, tá tendo festa.

– Por isso você se atrasou? Já falei que é pra sair da escola e vir direto pra casa.

– Tá, mãe, não faço mais.

Andou rápido e foi para o quarto pintado de azul marítimo. Ela gostava de azul, principalmente desse tom. Lá tinha uma pequena escrivaninha com cadeira ergonômica.

– É bom pra suas costas ficarem retas. Não quer ficar corcunda, né, gurria? Você tem essa mania de andar com a cabeça baixa. Qualquer dia cai de boca e você sabe, dentista sai caro! Ou quem sabe quer ficar banguela?

Deixou na cadeira a mochila, estufada pelos livros, cadernos e pelo fone de ouvido que parecia um tapa orelhas estilo inverno americano.

Com um nó exageradamente apertado amarrou a bexiga no braço da cadeira.

– Marinaaaaaa... Venha almoçar, já esquentei no microondas. Vem logo, gurria, acha que eu moro na cozinha?

– Tô indo mãe.

Abriu a janela, afastou as cortinas e respirou fundo.

Tirando o tênis para colocar algo mais confortável, um pensamento recorrente a fez cerrar os dentes e falar baixinho.

– Marinaaaa... Marinaaaaa... Cada vez mais chata... Ingratidão mata, viu, mãe? Quantas vezes salvei sua vida desvirando meus tênis, minha pantufa?

Almoçou rapidinho, comeu tudo do prato para não receber uma bronca e estragar uma tarde que poderia ser boa.

– Êpa, êpa, êpa, pode parar que a louça é sua, mocinha.

De novo no quarto, abriu o guarda-roupas e retirou uma caixa de tênis com nome da marca e estrela vermelha. Colocou em cima da cama. Da gaveta da escrivaninha retirou uma caixinha vermelha de metal, com alcinha preta. A tia gorda e simpática tinha dado para guardar “suas coisinhas de costura”.

A bexiga amarrada no braço da cadeira estava bem bonita com a janela ao fundo. Olhando através dela era possível ver uma árvore carregada de laranjas maduras.

Marina tirou da caixinha vermelha uma agulha bem fininha. Fechou a janela, deixando as cortinas abertas e com só uma espetada, POW.

Ainda com a agulha na mão, respirou fundo e abrindo os braços, começou a rodar, dançar, sorrir...

Aspirava também, com a boca bem aberta.

A bexiga arreventada ficou pendurada na cordinha, até que Marina a libertasse, sacudisse e esfregasse na perna da calça, antes de guardar na caixa de tênis com o nome da marca e estrela vermelha.

Nessa caixa, em cima da cama, várias bexigas coloridas enrugadas, ressecadas, disformes, grudentas, se amontoavam. Todas com papezinhos grampeados, com as datas e os nomes dos locais festivos.

Olhando para a mais nova, já devidamente etiquetada, antes de fechar a tampa, Marina fez novamente a sua performance. Até ficou um pouco tonta enquanto respirava e aspirava com força, dançando. Depois que colocou a caixa no guarda-roupas, pulando e rodopiando ela ainda escutava a bandinha tocando e o palhaço dançando todo feliz.

**Sonia Bittencourt Rodrigues Nunes Wolff** é curitibana, foi jornalista e publicitária. Tem poesias impressas individual e coletivamente, participou de uma coletânea de contos e foi selecionada em concursos das duas modalidades. É letrista e cria melodias, odeia frio, mas ama Curitiba.





## POSFÁCIO

### **SE UM LIVRO PARA GUARDAR O INVISÍVEL**

Fabiano Vianna

Estive em um dos encontros da oficina “Apertar o ar”, do Carlos Machado.

Pude saber um pouco sobre os contos que os participantes estavam desenvolvendo.

Saí de lá pensando neste conceito tão abstrato e instigante. O ar que se aperta com as palavras.

Imaginei como desenhar isso.

Quase tudo eu imagino como representar em traços.

Trabalho com isso.

Me vieram em mente potes de conserva, pássaros empalhados, serpentes no formol — imagens da minha infância. A coleção de bichos no sótão de meu avô.

Uma mão tentando aprisionar o nada, fechando os dedos.

Uma criança soprando bolhas de sabão e tentando segurá-las.

Um lençol branco balançando, preso por grampos em um varal.

Uma rede de pesca lançada ao mar e recolhida vazia.

Uma coleção de garrafas com água da chuva e tempestades, rente a uma janela de uma casa flutuante no Rio Negro. Cada uma com um tom, uma cor diferente. Em aquarela.

Nos contos do livro, mais imagens.

Um escreveu sobre cachorro.

Outro, de lotérica.

Bexigas estouradas.

Florestas e sonhos.

Choro que vira avalanche.

Um consultório médico e um diálogo inusitado com o próprio corpo.

Uma escola de magia.

Uma casa que se enche de roupas e lembranças.

Duas moedas de dez reais.

Um beijo imaginado.

Uma vó benzedeira.

Um caderno com anotações e um curioso desfecho.

Os temas são diversos, mas percebo que todos tentaram, de alguma forma, segurar o que escapa.

E aí penso que a vida é isso — segurar o tempo enquanto a areia se esvai.

Uma mulher procura bilhetes premiados no lixo.

Outra descobre que possui poderes de cura nas mãos.

Dois meninos jogam um pacote no rio, e dentro do pacote há mais do que vazio.

Alguém carrega uma infância entre plásticos.

Uma menina observa o mundo por meio de balões coloridos.

E uma literatura não é feita de coisas que resgatamos das partes fundas e submersas?

Águas profundas.

Como por exemplo, conversar com a própria próstata.

Colecionar bexigas e, quem sabe — juntá-las em determinada composição — para que formem palavras e rostos.

Como aquele conto do Borges.

Ou cidades — tipo Macondo.

Mas quando cheias de hélio, voam.

E como não as perder de vista?

As histórias começam com os ouvidos e os olhos.

Entre os vãos das portas.

Entre suspiros e mexidas no café.

O que entra, pela respiração, junto.

Labuta semanal.

Encontros aos sábados.

Oficina.

Leituras em voz alta.

Silêncios.

E enfim — um livro.

Um livro bonito.

Cada conto, uma tentativa de tocar o que não é palpável.

No filme “A Grande Beleza”, de Paolo Sorrentino, o personagem Jep Gambardella é um jornalista romano de 65 anos, elegante, culto e sarcástico. Desde que escreveu um único romance de sucesso na juventude, abandonou a literatura e passou a circular pela alta sociedade de Roma, frequentando festas extravagantes, jantares sofisticados e conversas vazias.

Depois disso, nunca mais conseguiu escrever nada.

Quando descobre que Elisa, seu primeiro amor, morreu, algo muda em sua rotina, em seu olhar. Essa notícia serve de gatilho para uma crise existencial.

Jep começa a vagar por Roma, feito um flâneur, em busca de algo. Como se escrevesse “no ar”, no pensamento, o seu segundo livro, que nunca chegou a terminar.

Observa a velhice, o vazio da vida, peças bobas e sem sentido, as ruínas da cidade e lembra de cenas desperdiçadas na juventude.

É como se tivesse envelhecido de um dia pro outro. Encontra figuras excêntricas, revisita memórias, questiona suas escolhas e assiste, como se fosse um espectador de si mesmo.

O filme é um pensar sobre o tempo, a criação, a escrita e a busca — de algo que se perdeu no ar. No esvazio do relógio.

O livro impresso é capaz de capturar o tempo? Capturar o vazio?  
Apertar o ar?

Talvez um livro se trate de uma caixa aberta, sem tampa. Repleto de post-its e pedaços de guardanapos rabiscados.  
Ou um vestido bordado com histórias.

Sendo cada uma composta de um tipo de tecido — sarja, seda, algodão, linho...

Literatura é tecitura.

Uma mão com dedos de agulhas.

No escuro.

Costurando o ar.

E os fios — as palavras.



# Ampliando Horizontes:

---

## Poesia e Ficção

[ampliandohorizontes.com.br](http://ampliandohorizontes.com.br)



## **Marcio Renato dos Santos**

O idealizador e coordenador pedagógico desta proposta também é escritor. Em 9 de agosto de 2025, ele autografou *A respeito de About*, o seu mais recente livro de contos, no Belvedere, sede da Academia Paranaense de Letras, em Curitiba, onde nasceu e vive. Também é autor de obras de não ficção, entre as quais, o *Dicionário amoroso de Curitiba* (2014). Já trabalhou no Departamento de Imprensa Oficial do Paraná, no Museu Oscar Niemeyer, na Biblioteca Pública do Paraná e atua como jornalista na TV Paraná Turismo.

## **Victor Augustus Graciotto Silva**

O coordenador e editor deste projeto é um paranaense nascido na região noroeste do Paraná, na Cidade Poesia, Paranavaí, e radicado desde 1995 em Curitiba. Graduado e Mestre em História pela UFPR, atuou como professor até idealizar, juntamente com Juliana Cristina Reinhardt, em 2010, a Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural, empresa responsável pela produção desta iniciativa. Entre outros títulos, é autor de *Benzedeiras* (2013), *Cervejarias de Curitiba* (2022) e *O skate no Paraná: cultura, identidade e patrimônio* (2023).

## **Juliana Cristina Reinhardt**

Também Zугueib Zaidan, é produtora cultural, curitibana, formada em Nutrição pela UFPR, com mestrado e doutorado em História pela mesma instituição. Foi professora universitária na Faculdade Evangélica, PUC e Faculdades Espírita. Atua em pesquisa e produção cultural, e é autora dos livros: *A Padaria América e o pão das gerações curitibanas* (2010); *Dize-me o que comes e te direi quem és: alemães, comida e identidade* (2012); *Entre Strudel, bolachas e stollen: receitas e memória* (2012); *Alemães, comida e identidade: uma tese ilustrada*

(2014); *Igreja alemã: Christuskirche, Igreja de Cristo* (2015); *Se essa rua fosse minha: Santa Felicidade e seus italianos* (2020); *Igreja Ortodoxa São Jorge: encontro dos árabes em Curitiba* (2022); e *Moça bonita não paga, mas também não leva: Feira Livre* (2023).

## **Carlos Machado**

Autor de 12 obras de ficção, e com experiência no segmento da educação, o paranaense Carlos Machado ministrou a oficina de contos do nosso projeto em 2025. Também músico, compositor e maratonista, Carlos define a sua literatura como uma busca pela narrativa-limite entre o lugar e o não lugar, o visível e a invisibilidade coletiva. “Uma tentativa de esticar a realidade ao extremo até que retorne como literatura”, explica o escritor que estreou em 2004 com a coletânea de contos *A voz do outro*, reeditada neste ano.

## **José Carlos Fernandes**

Curitibano, José Carlos Fernandes é um dos mais experientes jornalistas em atividade no Paraná. Fez história na reportagem, na edição e reinventou a crônica: escreveu mais de seiscentas, publicadas em um diário curitibano, na época, começo do século 21, com audiência e impacto na sociedade. É professor, pesquisador e extensionista de Jornalismo na UFPR, com foco em leitura, recepção e história da imprensa paranaense. Autor, entre outros títulos, do livro de crônicas *Na Brasília com a Ângelo* (2020) e *Um lugar chamado Cocaco* (2022).

## **Juarez Poletto**

Catarinense radicado em Curitiba, apaixonado pela literatura, Juarez Poletto esteve à frente de duas oficinas de poesia na quarta edição do Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção. Autor de dezenas de títulos, entre os quais os livros de poemas *Alma nos dedos* (1988), *Silhueta*

(1998), *Adverso* (2009); as narrativas de ficção *O anjo fatal* (1987), *Teia* (1988) e do ensaio *Vozes poéticas do mundo do trabalho* (2011). Ele é doutor em Estudos Literários, professor aposentado, com passagens pela PUCPR e UTFPR.

### **Simon Taylor**

Uma das façanhas deste curitibano é o álbum *Curitiba em Figurinhas*, com 400 figurinhas com desenhos que ele fez da capital do Paraná. *Meus cases de sucesso* (2013), *A caricatura da arquitetura* (2017), *A caricatura da arquitetura 2 – O desenho e a cidade* (2019) e *Curitiba em traço* (2023) são alguns dos livros do Simon, um dos fundadores do Urban Sketchers Curitiba, grupo de artistas que se reúne aos sábados para desenhar edificações e monumentos. Ele é o autor dos desenhos das capas de todos os livros deste projeto, desde o início.

### **Fabiano Vianna**

O nome desse artista curitibano, nascido em 1975, começou a chamar atenção em 2009, ano em que ele lançou a LAMA, uma revista de literatura. De lá para cá, o Fabiano vem escrevendo e desenhando uma história particular na capital do Paraná. É autor dos livros de contos *Quem costura quando Mirna costura* (2021) e *A inesperada gravidez da casa de lambrequim* (2023). Também é designer e ilustrador, com não poucas exposições no currículo. Em 2025, integrou o conselho editorial deste projeto.

### **Alvaro Posselt**

“Curitiba não nos poupa/Ontem tomei sorvete/Hoje tomo sopa”. Esse é um dos mais conhecidos haicais de Alvaro Posselt, poeta curitibano com 15 livros publicados, textos poéticos espalhados em muros e vitrais da capital do Paraná. Ele divulga voluntariamente o haikai em escolas

públicas há mais de 12 anos. Transformou a sua casa em um espaço cultural, a Casa Posselt, onde recebe escolas e o público em geral para oficinas, bate-papos e rodas de leitura. Faz parte do Coletivo Era uma vez e da Academia de Letras do Brasil.

### **Fabio Santiago**

Por anos, esse alagoano radicado em Curitiba era conhecido, mais que tudo, pela sua habilidade como repórter cinematográfico, e dezenas e dezenas de jornalistas dizem que ele produzia imagens poéticas. Fabio abandonou a comunicação para se dedicar integralmente à poesia. Integrante do conselho editorial deste projeto em 2025, já publicou os livros de poemas *Mar de Sombras* (2019), *Intramuros* (2020), *Versos Magros* (2021), *Cantos Temporais* (2022) e *Todo Verso é Vício* (2024), além da coletânea de crônicas *A marca do Vampiro* (2023). Fabio, de fato, é poeta.

### **Rita Cassitas**

A escritora, roteirista e gestora Rita Cassitas atuou, em 2025, no conselho editorial deste projeto. Ela é uma contadora de histórias contemporâneas. Os seus textos ficcionais e ensaios movimentam ideias em meio a memórias, ciências e imaginação. À frente da Academia Feminina de Letras do Paraná, é autora, entre outros títulos, dos romances *Riding* (2015) e *O menino que pedalava* (2016), e das coletâneas de ensaios *Sunday the game* (2013), *Sociedade Tecnológica* (2021) e *Conectados* (2025).

### **Cida Grecco**

Revisora, graduada em Letras pela UFPR, radcada em Curitiba há mais de 30 anos, é especialista em Múltiplas Leituras pela PUCPR e em Humanidades pela UEPG. Mestre em Linguística pela Unicamp. Professora apaixonada de Língua Portuguesa e Literatura na Rede Estadual, atua como revisora na Máquina de Escrever desde 2021 e neste

projeto desde sua primeira edição. Estreou seu primeiro fragmento de romance no Ampliando Horizontes. Aventura-se mais uma vez nesta edição com a publicação de uma crônica-perfil.

### **Elys Faria Bittencourt**

Graduada em Comunicação Social / Jornalismo na PUCPR em 1995, com experiência em revisão e edição de textos em livros didáticos, de assuntos gerais e em trabalhos acadêmicos. Parceira da Máquina de Escrever desde 2015.

### **Rafael Ferrer Kloss**

Designer gráfico, curitibano, nascido em 1980 é formado em Design Gráfico pela Universidade Tuiuti do Paraná. Com experiência em fechamentos de arquivos para impressão, trabalha em parceria com a Máquina de Escrever há mais de 13 anos na preparação e diagramação dos títulos da editora. Ilustrador, pescador e entusiasta da vida ao ar livre.

### **Clara Reinhardt Silva**

Fotógrafa e produtora de conteúdo, é curitibana e estudante de Design Gráfico da UFPR, atuando como ilustradora, diagramadora e UI/UX designer.

Curitiba, Novembro de 2025  
Impresso em papel  
Avena 70gr/m<sup>2</sup>  
Tipologia:  
EB Garamond, Noto  
Tiragem:  
1000 exemplares



[editoramaquinadeescrever.com.br](http://editoramaquinadeescrever.com.br)

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

**E**sse e os outros 2 livros que publicamos em 2025 materializam os processos das oficinas de criação que, pelo quarto ano consecutivo, oferecemos gratuitamente ao público interessado na cidade de Curitiba. Quem participa do nosso projeto tem acesso à experiência completa, da ideia inicial à escrita, incluindo a mentoria, até a sessão de autógrafos. Ampliando Horizontes: Poesia e Ficção transforma sonhos em realidade, fomenta a economia criativa local ao contratar escritores, capista, designer, fotógrafa, gráfica, revisoras e movimentada a cena literária da capital do Paraná.



9 786587 517940